



UC/FPCE\_2015

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Comparação das representações sociais sobre a  
Violência Filioparental entre uma amostra de adultos e  
uma amostra de adolescentes**

Eduarda Manuela Martins Lopes (e-mail: [eduarda\\_lopes28@hotmail.com](mailto:eduarda_lopes28@hotmail.com))

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica e Saúde (área de  
subespecialização: Psicologia Forense) sob a orientação da Professora  
Doutora Isabel Marques Alberto

## **Comparação das representações sociais sobre a Violência Filioparental entre uma amostra de adultos e uma amostra de adolescentes**

**Resumo:** Apesar de ser um fenômeno crescente e frequente na sociedade contemporânea, a Violência Filioparental (VFP), mais comumente conhecida como a violência dos filhos contra os pais, é ainda um tema pouco abordado na comunidade científica. Numa tentativa de conhecer melhor este tipo de violência intrafamiliar, o presente estudo teve como objetivo principal comparar as representações sociais sobre a Violência Filioparental entre uma amostra de adultos e uma de adolescentes.

Recorrendo a uma amostra de 152 adolescentes e 174 adultos, num total de 326 participantes, procurou-se apurar se há diferenças entre as duas amostras quanto ao grau de legitimação da VFP, e também quanto às atribuições relativas aos fatores facilitadores, de manutenção e resolução da VFP.

As médias de resposta indicam uma superioridade na legitimação da violência nas histórias nos adolescentes, e no sexo masculino em ambas as amostras. A interação entre grupo (adolescentes vs adultos) e sexo não tem influência estatisticamente significativa. No que respeita aos fatores facilitadores, de manutenção e de resolução foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em alguns itens entre adolescentes e adultos.

**Palavras-chave:** Violência Filioparental; Representações sociais; Fatores facilitadores; Manutenção; Resolução; Adolescentes; Adultos.

## **Comparison of social representations about Child-to-Parent Violence between a sample of adults and a sample of adolescents**

**Abstract:** Although it is a growing phenomenon and frequent in our society, the Child-to-Parent Violence (CPV), more commonly known as the violence of children against parents, it's still a topic little studied within the scientific community. In an attempt to get to know this kind of intrafamilial violence, the present study had as main objective to compare the social representations about child-to-parent violence between a sample of adults and a sample of adolescents.

Using a sample of 326 subject of the general population, consisting of 152 adolescenst and 174 adults, it attempted to ascertain the existence of differences between adults and teenagers about the degree of legitimization of CPV, and also the degree of agreement with the facilitators, maintenance and resolution factors of violence.

The reply averages indicate a superiority in the legitimation of the violence in histories in the adolescents and the male in both the samples. The interaction between group x sex does not have statistical significant influence. In what it concern to the facilitators, maintenance and resolution factors of violence, had been found statistically significant differences in both groups.

**Key Words:** Child-to-Parent Violence; Social representation; Facilitators factors; Maintenance; Resolution; Adolescents; Adults.

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Isabel Alberto por toda a ajuda, simpatia, dedicação, disponibilidade e orientação. Obrigada por estar sempre presente, foi um privilégio ter trabalhado consigo.

Aos autores dos questionários usados neste estudo e, a todos aqueles que participaram através do seu preenchimento, um muito obrigada. Sem o vosso contributo nada disto seria possível.

Às minhas colegas e amigas que este Mestado me trouxe, obrigada por tudo. Foi um gosto ter crescido, aprendido, e ter feito esta caminhada convosco.

À Daniela, o que seria de mim sem ti? Juntas desde a primeira semana até ao fim. Obrigada por tudo, por seres a pessoa e amiga que és, sempre lá no momento certo, aconteça o que acontecer.

Para as minhas “Cavianas” um obrigada é pouco. Teresa e Sofia conhecer-vos e privar convosco foi e é todos os dias um privilégio. Vocês são a personificação do que esta cidade representa, são alegria, amizade e sobretudo saudade. Cláudia, obrigada por seres a afilhada e amiga que és, pela forma como, à tua maneira, te preocupas e estás sempre presente. Marina, obrigada por me deixares fazer parte desta tua, nossa caminhada por Coimbra. Vocês são a minha família em Coimbra...Levo-vos comigo p’ra vida.

A toda a minha família, em especial aos meus pais, por todo o esforço que sempre fizeram para que pudesse cumprir este sonho, por serem o meu porto seguro, onde sempre encontro força para continuar. Ao meu irmão, por tudo e mais alguma coisa, sem ti tudo isto não passaria de um sonho. A ti Marisa por seres a pessoa que és e, por junto com o Osvaldo me terem dado o bem mais precioso que tenho, o Martim, que tanta alegria e força me dá para recarregar baterias.

A todos um bem-haja!

## Índice

<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>I – Enquadramento conceptual .....</b>	<b>1</b>
1.1 Definição e conceptualização da Violência Filioparental .....	1
1.2 Fatores de risco para a Violência Filioparental .....	4
1.3 Fatores de manutenção da Violência Filioparental .....	10
1.4 Representações Sociais sobre a Violência Filioparental .....	11
<b>II - Objetivos .....</b>	<b>12</b>
<b>III - Metodologia .....</b>	<b>12</b>
3.1 Amostra .....	12
3.2 Instrumentos .....	14
3.2.1 Questionário Sociodemográfico .....	15
3.2.2 Questionário de Representações sobre VFP – Histórias (QRFVP-HIS) (Patuleia, N., Alberto, I., Pereira, R., & Alarcão, M., 2014) ...	15
3.2.3 Questionário sobre Violência dos filhos contra os pais – Fatores Facilitadores, de Manutenção e de Resolução (QVFP – FMR) (Patuleia, N., Alberto, I., Pereira, R., & Alarcão, M. 2014) .....	15
3.2.4 Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS; Crowne & Marlowe, 1960; Simões, Almiro, & Sousa, 2012) .....	16
3.3 Procedimentos .....	16
<b>IV – Apresentação dos Resultados .....</b>	<b>16</b>
4.1 Comparação das qualidades psicométricas do QRFVP-HIS e do QVFP-FMR entre adolescentes e adultos .....	16
4.2 Análise das respostas às questões abertas .....	18
4.3 Comparação entre adolescentes e adultos nas respostas ao QRFVP-HIS e ao QVFP-FMR .....	19
<b>V – Discussão dos Resultados .....</b>	<b>22</b>
<b>VI - Conclusões.....</b>	<b>24</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>25</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>30</b>

## Lista de Anexos

Anexo A – Características Psicométricas da História 1 (QRVFP-HIS).....	30
Anexo B – Características Psicométricas da História 2 (QRVFP-HIS).....	32
Anexo C – Características Psicométricas da História 3 (QRVFP-HIS).....	34
Anexo D – Características Psicométricas dos Fatores Facilitadores (QVFP-FMR) .....	36
Anexo E – Características Psicométricas dos Fatores de Manutenção (QVFP-FMR) .....	39
Anexo F – Características Psicométricas dos Fatores de Resolução (QVFP-FMR) .....	42
Anexo G – Resultados da ANOVA para a influência das variáveis grupo e gênero (História 1) .....	45
Anexo H –Resultados da ANOVA para a influência das variáveis grupo e gênero (História 2) .....	47
Anexo I –Resultados da ANOVA para a influência das variáveis grupo e gênero (História 3) .....	49
Anexo J –Resultados da ANOVA para a influência das variáveis grupo e gênero (Total das Histórias) .....	51
Anexo K – Análise dos Fatores Facilitadores, de Manutenção e de Resolução (QVFP – FMR).....	53

## **Lista de Tabelas**

Tabela 1 – Caraterísticas sociodemográficas da amostra .....	13
Tabela 2 –Estatísticas Descritivas - História 1 .....	20
Tabela 3 – Estatísticas Descritivas - História 2 .....	20
Tabela 4 – Estatísticas Descritivas - História 3 .....	21
Tabela 5 – Estatísticas Descritivas - Total das Histórias .....	21

## **Introdução**

O interesse pela temática da violência filiofamiliar tem aumentado muito nos últimos anos, graças, em parte, aos meios de comunicação social que quase todos os dias apresentam um novo caso de algum pai ou mãe que é agredido(a) pelo seu próprio filho. Segundo dados da APAV (2012), estima-se um aumento do número de pedidos de ajuda entre o ano de 2004 e 2011 de 97.7%.

A violência filiofamiliar é um tipo de violência intrafamiliar que tem recebido pouca atenção da comunidade científica; contudo, nos últimos anos tem aumentado o número de estudos relacionados com esta temática (Calvete & Gámez-Guadix, 2012). Apesar de ser um fenómeno crescente, são poucos os estudos realizados em Portugal.

A forma como cada um interpreta e percebe a violência depende muito da maneira como compreende a sua realidade envolvente, e como interage, se relaciona com os outros (Zuleta, 1996). A conceção de violência e a nossa forma de pensar e agir remete-nos para a noção de representação social, que para Jodelet (1996, como citado em Spink, 1993, p.1) “são modalidades de conhecimento prático orientadas para a comunicação e para a compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos”. Sendo a violência filiofamiliar um problema social emergente, e sabendo a influência que as representações sociais exercem na forma como cada um percebe e vive a realidade, torna-se pertinente estudar as representações sociais existentes acerca da violência dos filhos contra os pais, comparando essas representações entre uma amostra de adultos e uma de adolescentes, por serem os protagonistas deste tipo de violência.

O presente estudo pretende contribuir para uma melhor e mais objetiva compreensão da nossa realidade acerca desta temática, através da análise das respostas da amostra a dois instrumentos de avaliação das representações sociais em torno da violência filiofamiliar na população portuguesa, ainda em fase de validação.

## **I – Enquadramento conceptual**

### **1.1 Definição e conceptualização da Violência Filiofamiliar (VFF)**

A Organização Mundial de Saúde (OMS/WHO, 2002) define violência como o “uso intencional de força física ou poder, em ameaças ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, alterações do desenvolvimento ou privações” (p.4). De acordo com esta definição, a violência abarca os mais diversos contextos, realidades

e situações, dependendo de onde, como e contra quem é exercida. A família é destacada nas últimas décadas como sendo o contexto com registo de mais ocorrências violentas, não só pelo aumento dos comportamentos abusivos mas, principalmente, pelo maior número de casos denunciados (Giddens, 2006; Sanmartín, Gutiérrez, Martínez, & Vera, 2010).

No Código Penal Português (art. 152.º) a violência familiar, designada juridicamente como violência doméstica, é entendida como “quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações de liberdade e ofensas sexuais: a) ao cônjuge ou ex-cônjuge; b) a pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação; c) a progenitor de descendente comum em 1º grau; ou d) a pessoa particularmente indefesa, nomeadamente em razão da idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite”. Usualmente, quando ocorre violência familiar, a vítima encontra-se numa posição de dependência em relação ao agressor, o que não acontece na violência filioparental, onde o agressor é uma criança ou adolescente com menos de 18 anos, que depende totalmente das vítimas, os seus pais ou substitutos. O mesmo é dizer que as vítimas têm a obrigação civil de conviverem com o seu agressor até que este obtenha a maioridade, tornando-as assim mais vulneráveis (Aroca, Moledo, & Pérez, 2014).

A Violência Filioparental (VFP) é um fenómeno crescente, multidimensional e complexo, e por isso difícil de definir. Primeiro, devido à delicada delimitação entre o que é um comportamento normativo que envolve qualquer tipo de conflito familiar e o que é uma atitude abusiva contra os pais que implica uma situação humilhante e desafiadora da autoridade parental, com a intenção de obter domínio e magoá-los (Estévez & Góngora, 2009). Harbin e Madden (1979, como citado em Patuleia, Alberto, & Pereira, 2014) referem que a literatura científica reconhece e descreve este tipo de comportamento violento desde a década de 50 como *Síndrome dos pais maltratados*.

Segundo Cottrell (2001) a VFP é entendida como qualquer ato violento de um filho adolescente para com um dos seus progenitores, com a intenção de ganhar poder e controlo, podendo causar dano físico, psicológico ou financeiro nos seus pais. Por sua vez Garrido (2008) define a violência dos filhos contra os pais como um problema que reúne um conjunto de condutas agressivas, físicas e psicológicas, ameaças e extorsão económica, destacando a falta de consciência crítica dos filhos e a fraca capacidade para sentirem culpa. Pérez e Pereira (2006) descrevem a VFP como o conjunto de condutas reiteradas de violência física, verbal ou não verbal, dirigida aos progenitores, ou aqueles que ocupam o seu lugar, enquanto Aroca (2013) caracteriza a VFP como um tipo de situação em que o filho utiliza a violência psicológica, económica e/ou física de forma consciente e reiterada, com a intenção de obter poder, controlo e domínio, causando dano e aflição na vítima, com a finalidade de obter o que deseja.

Nestas várias definições destaca-se a intencionalidade do ato violento, o uso da violência para obtenção de poder, controlo e domínio por parte do filho em contexto familiar, como dimensões centrais para explicar este fenómeno (Serra, 2013).

Como mencionado, os filhos que maltratam os seus progenitores recorrem a três tipos de condutas (Aroca, Moledo, & Pérez 2014): a) a violência psicológica (verbal, não verbal e emocional) que implica atentar contra os sentimentos e necessidades afetivas de uma pessoa, causando-lhe conflitos pessoais e frustração, incluindo ignorar, humilhar o progenitor, ameaçar, mentir, insultar, entre outros; b) a violência económica enquadrada condutas tais como roubos, venda ou destruição de objetos e utilização não autorizada e abusiva de cartões bancários por parte dos filhos; c) a violência física que integra comportamentos que podem resultar em dano corporal, como ferir por meio de objetos, armas ou partes do corpo para bofetear, golpear e empurrar. A omissão de ajuda ou abandono numa situação de vulnerabilidade da vítima também se considera como maltrato físico e psico-emocional.

A VFP envolve um *modus operandi* específico entre agressor e vítima que, em algumas situações, cria um processo ciclo coercitivo, denominado como ciclo de violência filio-parental (Aroca & Robles, 2012). Inicialmente, os pais optam por uma postura de persuasão, compreensão e aceitação, mas o filho ignora-os e aumenta a sua conduta violenta. As várias tentativas de reconciliação por parte dos pais e a sua atitude submissa perante o filho parecem agravar o comportamento deste, o que desencadeia nos pais o sentimento de indignação e tristeza. A submissão parental é o primeiro passo do ciclo de violência filio-parental, que provoca maiores e mais frequentes exigências por parte do filho, ao contrário do esperado pelos progenitores. As mães/pais de adolescentes agressivos constataam que a forma como habitualmente respondem aos comportamentos do seu filho é ineficaz e não surte nenhum efeito. Assim, perante os comportamentos agressivos do filho, os progenitores tendem a aumentar o seu sentimento de frustração, adotando uma conduta de hostilidade e dureza (Aroca & Robles, 2012). Esta resposta, na maioria das vezes, não ameniza a situação; pelo contrário, gera um aumento da agressividade dos filhos, chegando a um ponto em que os pais temem pelas possíveis consequências de tal comportamento e pela sua segurança. Esta escalada violenta faz com que apareça de novo a atitude de submissão parental como tentativa de apaziguar e acalmar o clima familiar, voltando assim ao início do ciclo da violência familiar (Aroca et al., 2014). Por conseguinte, estabelece-se um círculo bidirecional de submissão-hostilidade/ hostilidade-hostilidade. De acordo com Omer (2004), esta bidirecionalidade provoca dois tipos de escalada da VFP. A submissão parental aumenta as exigências e comportamentos violentos do filho, caracterizados por uma dinâmica de chantagem emocional (escalada complementar), enquanto a hostilidade parental gera hostilidade filial (escalada recíproca), com cada uma das partes a atribuir à outra o papel

de agressor e justificando o seu comportamento como defesa própria. Os estudos realizados por Bugental, Blue, e Cruzcosa (1989 como citado em Aroca et al., 2014) demonstram que quanto mais confusos e impotentes se sentem os progenitores maior será o risco de perderem o controle, ou seja, quanto mais violentas sejam as condutas dos pais, mais violentas serão as condutas dos filhos. Concluindo, o círculo da violência filio-parental oscila entre ceder e devolver a agressão.

Numa outra perspectiva, Ulman e Straus (2003) defendem que a VFP se explica pela teoria da aprendizagem social e teoria da coerção recíproca. A teoria da aprendizagem social (Bandura, 1971) propõe que a conduta violenta é influenciada por fatores biológicos, pela experiência direta e pela aprendizagem através da observação. A aprendizagem exerce um papel importante na aquisição de comportamentos e atitudes violentas, na medida em que não se aprende só por aprendizagem vicariante, mas também por imitação dos comportamentos das figuras de apego e autoridade e através das instruções que estas dão dentro da dinâmica familiar. Ao falar-se em imitação, entende-se a aprendizagem da conduta violenta como consequência da observação de comportamentos violentos dos pais ou de outros agentes de socialização que, sendo reforçados são aprendidos (Domènech & Íñiguez, 2002). O modelo de coerção de Patterson aproxima-se da teoria da aprendizagem social na explicação da conduta violenta (Patterson, 2002). De acordo com Patterson (2002) a VFP resulta da influência da exposição à violência de género, conflitos e problemas familiares diversos. Muitos filhos são vítimas de violência pelos modelos de disciplina parental que privilegiam o castigo corporal, que se torna parte de um padrão generalizado de relações de natureza coercitiva. O modelo de coerção dá ênfase aos estilos educativos ineficazes, como a excessiva permissividade e proteção, às relações de afeto positivo entre os pais e o filho muito escassas (particularmente com as mães), assim como ter testemunhado condutas violentas, e trauma relacionado com a experiência de abuso e/ ou negligência.

## **1.2 Fatores de risco de Violência Filio-parental**

Cottrell e Monk (2004) propuseram um modelo teórico, com base no modelo ecológico, que considera diferentes fatores implicados na VFP. A sua proposta fundamenta-se na interação recíproca de elementos próprios do macrossistema, exossistema, microsistema e do desenvolvimento ontogénico. O macrossistema representa os valores culturais, as crenças e o modelamento social que definem o que é violento, pela tolerância/desvalorização ou não aceitação nem tolerância de determinados comportamentos. O exossistema inclui as estruturas sociais que influenciam o funcionamento individual e familiar, criando um contexto que potencia a violência (por exemplo, dificuldades económicas e isolamento social). O microsistema refere-se às dinâmicas familiares que contribuem para o

desenvolver das condutas violentas dos filhos contra os pais (este nível inclui os estilos e práticas parentais). Os fatores ontogénicos são relativos às características do próprio filho, designadamente história de vitimação, aprendizagem de condutas violentas, abuso de substâncias, problemas psicológicos ou historial de percurso escolar negativo. Este modelo combina a perspetiva psicológica e sociológica da violência na família, integrando diversas variáveis que interatuam para a expressão da VFP.

Através da pesquisa da literatura científica existente constata-se que é pouco provável que apenas um factor explique a VFP, mas que esta resulta de um conjunto amplo de variáveis interrelacionadas que eventualmente contribuem para os comportamentos agressivos dos filhos contra os pais.

Ao nível dos fatores individuais dos filhos agressores (desenvolvimento ontogénico), destacam-se: a irritabilidade, tendência para reagir de maneira impulsiva e abrupta a pequenas provocações; baixa tolerância à frustração, pouca empatia ou habilidade para se colocar no lugar da outra pessoa e reconhecer, perceber as suas emoções; e pouca satisfação com a vida em geral e desejo de dominar os outros (Estévez & Góngora, 2009). Além disso, algumas investigações sugerem que a participação com pares em atividades antissociais e o consumo de drogas é communmente associado a adolescentes com comportamentos agressivos contra os seus pais (Cottrell, 2001). O uso de drogas é identificado como um dos fatores mais relevantes e que aumenta a probabilidade de o adolescente se envolver em outras atividades de risco e em atos violentos (Butters, 2002; Denton & Kampfe, 1994). Pagani et al. (2004) concluíram que altos níveis de consumo de drogas (álcool e drogas ilegais) são preditores significativos de agressão contra as mães, aumentando o risco de agressão verbal para quase 60%. A literatura científica sugere que o abuso frequente de substâncias pode facilitar atribuições hostis e maior desinibição verbal em situações conflituosas com as mães.

Alguns autores tentam construir um quadro de condições individuais que favoreçam a VFP, nomeadamente Garrido (2005) e Estévez e Góngora, (2009). Garrido (2005) enumera três indicadores chave que, estando presentes na infância, são fortes indicadores de comportamentos agressivos futuros, particularmente na VFP: (1) a criança mostra incapacidade para desenvolver empatia, compaixão e amor e manifesta grande dificuldade em apresentar sentimentos de culpa; (2) a criança mostra incapacidade para aprender com os seus erros, mesmo através de castigos, e vê apenas os seus próprios interesses, revelando um notável egocentrismo; (3) a criança recorre frequentemente a mentiras, ameaças e atos atrozes contra os seus irmãos e amigos. A grande maioria dos estudos apresenta estes adolescentes agressivos para com os seus pais como tendo um funcionamento calculista, onde se realçam as seguintes principais características: envolvimento em comportamentos agressivos ao longo da puberdade (6-11 anos); grande dificuldade em expressar emoções; falta de competências sociais como a empatia; não revelam sentimentos de culpa pelos seus comportamentos

violentos; as interações sociais que estabelecem baseiam-se apenas no seu interesse egocêntrico; mentem com frequência e os seus pais tendem a ter um estilo educacional excessivamente permissivo (Estévez & Góngora, 2009). Isto mostra que não são apenas as características dos pais que influenciam a criança, mas também as características da criança podem influenciar a sua relação com os pais (Ibabe, Jaureguizar, & Bentler, 2013).

Relativamente ao nível microssistémico, contexto familiar, uma dinâmica familiar caracterizada por fraco envolvimento em atividades e interações positivas é um importante fator de risco (Pagani et al., 2004). Para Strass, Gelles, e Steinberg (1980, como citado em Estévez & Góngora, 2009) a transmissão de valores sobre a agressividade é igualmente um fator de risco, ou seja, pais que recorrem a práticas educativas severas e rigorosas têm maior probabilidade de serem maltratados pelos filhos, em comparação com os que adotam práticas não coercivas. Os estilos educativos parentais têm sido uma das variáveis mais estudadas na pesquisa sobre a VFP. Aroca (2010, como citado em Aroca & Leonhart, 2012, p.152) define estilos educativos parentais como o “conjunto de diretrizes e práticas parentais cujo objetivo é a socialização e educação dos filhos, onde interatuam traços de personalidade, experiências passadas e características genéticas, que se contextualizam dentro do intrassistema, meso e macro familiar, e por sua vez, num marco transcultural e histórico determinados”. Os pais não têm um estilo educativo fixo, mas que varia de acordo com a etapa do ciclo evolutivo da família, de filho para filho, e também de acordo com o momento que a família atravessa (Aroca & Leonhard, 2012). Um dos estudos mais conhecidos acerca desta temática pertence a Diana Baumrind (1978, como citado em Estévez & Góngora, 2009) que distingue três estilos parentais: a) estilo autoritário, quando os pais valorizam a obediência e restringem a autonomia da criança de forma a controlar e modelar as atitudes desta; b) estilo permissivo, em que os pais não exercem controlo dando liberdade à criança, ou seja, não estabelecem limites, sendo esta uma educação com poucas ou nenhuma restrições - este estilo educativo divide-se em dois, o estilo indulgente (pais são carinhosos e respondem aos pedidos da criança sem estabelecer normas ou deveres) e o estilo negligente (pais apenas respondem/satisfazem as necessidades básicas da criança, desresponsabilizando-se de todas as outras funções inerentes ao papel de pai-cuidador); c) estilo autoritativo, no qual os pais tentam controlar o comportamento da criança através de limites, mas promovem a progressiva autonomia dos seus filhos através de uma comunicação aberta e do estabelecimento de regras flexíveis, fazendo com que se tornem crianças melhor ajustadas, com mais auto-confiança e autoestima (Aroca & Leonhardt, 2012).

Alguns autores como Cottrell (2001) e Garrido (2008) sugerem que um estilo demasiado permissivo, valorizado nas sociedades modernas, que assenta numa relação de igualdade entre pais e filhos, produz um desequilíbrio no poder facilitando o emergir da VFP. A permissividade

excessiva e a sobreproteção parecem ser ambas prejudiciais, ou seja, tanto a proximidade como o controlo devem ser balanceados. De acordo com Cottrell (2001) são vários os autores que distinguem dois tipos de contextos familiares como potenciais precipitantes do desenvolvimento de comportamentos violentos dos filhos para com os pais e, em ambos, as crianças/ adolescentes não vêem os seus pais como figuras de autoridade. Num destes contextos, a família adota estratégias de orientação e supervisão inadequadas, não definindo limites quer por um exercício da parentalidade orientado por princípios educacionais indulgentes, quer quando são incapazes de o fazer por razões financeiras, sociais e de saúde, ou por sentimentos de culpa em caso de divórcio. A ausência de regras num ambiente pouco seguro para a criança e em que os pais são incapazes de assumir o seu papel de adultos, “obriga” a criança/ adolescente a assumir a sua autonomia antes de estar preparado para isso, podendo assim desenvolver e manifestar rejeição para com os pais e comportamentos punitivos para com estes (Cottrel, 2001). No segundo contexto familiar a família é superprotetora, negando ao filho qualquer possibilidade de desenvolver a sua autonomia. Estes adolescentes são dependentes dos seus progenitores que satisfazem imediatamente os seus desejos de forma a evitarem qualquer comportamento que possa causar frustração. Neste caso, os adolescentes adotam comportamentos agressivos contra os seus pais numa tentativa de procurar a sua autonomia (Cottrel, 2001).

Pagani et al. (2004) sugerem que, com o aumento da necessidade de autonomia, muitos adolescentes tornam-se mais sensíveis a certas mensagens dos seus pais, interpretando-as como acusatórias e punitivas, e consequentemente, manifestam sentimentos negativos relacionados com a sua frustração. Para Cottrell e Monk (2004) o importante é haver coerência e consistência de estilos educativos, normas e limites entre ambos os progenitores. Quando existe divergência e mesmo contradição entre os pais aumenta a probabilidade de episódios de VFP.

Por último, a coerção recíproca contribui para a VFP, dado que muitas das crianças que desenvolvem este padrão de comportamento foram vítimas de punição corporal ou violência mais severa. A violência física, negligência e abuso em criança conduz os adolescentes a comportamentos violentos contra os pais (Ulman & Straus, 2003). O facto de o adolescente experienciar a punição/ castigo corporal faz com que se sinta infantilizado pelo uso de estratégias parentais tipicamente utilizadas em crianças mais novas (Straus & Donnelly, 1993; Straus & Stewart, 1999 como citado em Estévez & Góngora, 2009). Estes adolescentes não são encorajados a responsabilizarem-se pelos seus atos e os pais veem o seu poder diminuído e a sua culpa aumentada (Gallagher, 2004).

A relação entre o divórcio e a VFP tem sido examinada em vários estudos (Pagani et al., 2003; Wallerstein, 1991) que concluíram que não é o divórcio em si a principal causa dos comportamentos violentos do filho, mas sim o contexto familiar disfuncional que influencia o desajustamento da

criança. O divórcio pode ser prejudicial para a relação entre os membros da família aumentando o risco de os pais serem maltratados pelos filhos (Estévez & Góngora, 2009). Cottrell (2001) refere que, quando os pais se separam, as crianças podem ressentir-se com o progenitor com quem passam a viver (normalmente a mãe) por mudarem de casa, escola, perderem os seus amigos e o seu estilo de vida antigo. Além disso, os adolescentes podem passar a sentir ciúmes por perderem a atenção do seu pai ou da sua mãe quando estes arranjam um novo companheiro. Quando a mãe é solteira, os adolescentes, por vezes, descarregam toda a sua raiva e frustração nela, simplesmente porque ela está presente e não têm mais ninguém para o fazer. Este tipo de violência parece ser mais comum em famílias monoparentais, talvez devido ao facto de haver situações mais stressantes derivadas, por exemplo, de problemas económicos, que podem originar um maior número de conflitos e, conseqüentemente, um aumento das situações violentas (Cottrell & Monk, 2004).

Outro fator familiar de risco é a existência de violência entre os pais, ou seja, a exposição da criança a outros tipos de violência familiar. As investigações sobre a relação entre a violência interparental e a violência filio-parental é inconclusiva, uma vez que sugere que a convivência de uma criança com a violência é um fator de risco para se tornar futura perpetradora, mas a exposição à violência no seio familiar não é condição suficiente para no futuro desenvolver comportamentos agressivos para com os pais (Estévez & Góngora, 2009). Ibabe e Jaureguizar (2011) sugerem que existe um certo grau de bidirecionalidade entre a violência exercida pelos pais e a exercida pelos filhos. Quando os pais têm comportamentos violentos entre si ou contra os filhos existe um aumento da probabilidade de comportamentos violentos dos filhos para os pais, podendo assim dar-se uma triangulação, em que o filho se alia a um dos progenitores contra o outro (Pereira & Bertino, 2009).

As vítimas mais comuns de VFP são maioritariamente as mães, mas também as avós e outros cuidadores do sexo feminino. Uma das razões possíveis, segundo Ulman e Straus (2003), é o papel socialmente enraizado de subordinação e estereótipo do género feminino mas, também, o facto de as mães passarem mais tempo do que os pais em casa, a cuidar das tarefas domésticas e da educação dos filhos. De acordo com estes autores, é culturalmente aceite que os pais dêem uma palmada no filho quando necessário, como forma de os educar. Por outro lado, sendo as mães aquelas que passam mais tempo com os filhos, são também elas por consequência quem mais os pune e castiga, aumentando o risco de, mais tarde, os filhos as virem a agredir. A mãe é percebida como a “vilã”, aumentando o ressentimento na criança e a probabilidade de VFP (Ulman & Straus, 2003). Gallagher (2004) enumera algumas razões que sustentam o papel da mãe enquanto principal vítima de VFP: as mães são fisicamente, geralmente, mais vulneráveis do que os pais e são menos propensas a recorrerem à retaliação; as mulheres têm maior probabilidade de virem a criar os filhos

sozinhas e a passarem mais tempo com estes; as mães são as vítimas mais frequentes de violência conjugal em comparação com os pais; e, por último, as mães sentem-se culpadas pelo mau comportamento da criança, aprisionando-a na relação, aumentando a probabilidade da criança se tornar menos assertiva e autónoma.

Outros fatores importantes têm sido apontados no contexto social imediato do adolescente (exossistema), nomeadamente na escola e na comunidade. Estudos recentes sugerem que comportamentos disruptivos na escola são um bom preditor de agressões de filhos e filhas adolescentes para com as suas mães (Pagani et al., 2003). Para Pagani et al. (2004) o grau de risco é proporcional à severidade e cronicidade dos comportamentos violentos exibidos na escola, ou seja, aqueles que apresentam padrões de comportamentos violentos na escola têm maior risco de serem verbal e fisicamente violentos com as suas mães.

Cottrell (2001) considera que o ambiente escolar pode ser violento e inseguro para a criança ou adolescente. Alguns alunos experienciam violência e ameaças por parte dos seus pares na escola. A pressão exercida na escola leva a que particularmente os adolescentes se sintam vulneráveis e com baixa auto-estima. Muitos destes adolescentes vitimizados nas escolas tentam esconder o seu medo e fraqueza perante os outros colegas, mas o stress que esta situação lhes provoca leva-os, por vezes, a adotarem comportamentos agressivos em casa contra os pais e/ ou irmãos. No que respeita à comunidade em geral, a pesquisa sugere que os vizinhos influenciam o comportamento das crianças na medida em que fornecem exemplos dos valores que as pessoas têm e que contribuem para a construção de significados em torno do que são comportamentos socialmente aceites (McCord, Widom, & Crowell, 2001, como citado em Estévez & Góngora, 2009). Os contextos comunitários em que os atos antissociais e violentos são comuns podem ter um impacto crucial na forma como a criança entende e internaliza as normas sociais relacionadas com a interação com os outros (Proctor, 2006; Scarpa & Haden, 2006). Os *mass media*, a *internet* e os jogos de computador são também importantes fontes de influência do comportamento da criança e adolescente, constituindo um facto preocupante tendo em conta o número excessivo de horas que as crianças passam ao computador e a ver televisão. Ao contrário da televisão, em que as crianças e adolescentes apenas visualizam cenas violentas, nos jogos de computador são criadas situações em que o jogador assume o papel de agressor virtual. Portanto, jogos violentos podem ser mais prejudiciais por serem interativos, cativantes e requerem que o jogador se identifique com o agressor (Estévez & Góngora, 2009).

Além de todos os fatores do exossistema enumerados anteriormente e que influenciam diretamente a criança ou adolescente, há também fatores sociais e culturais que podem ser potenciais condições de risco para a VFP. Nos últimos anos foram várias as mudanças sociais que provocaram a alteração das dinâmicas familiares, bem como a distribuição do poder dentro

das mesmas. A responsabilidade em relação à educação dos filhos já não cabe só às mães, mas também aos pais, que estão ao mesmo tempo a perder poder e autoridade, dividindo esse poder de forma mais equitativa com a mãe. A inserção da mulher no mundo do trabalho diminui o tempo que esta passa em casa com os filhos, favorecendo que, na tentativa de colmatar a sua ausência, seja mais benevolente, tentando manter assim um ambiente agradável nas poucas horas que passa com eles. Também a transformação das composições familiares dificulta a manutenção da autoridade, dado que são cada vez mais as famílias monoparentais ou reconstituídas, havendo uma diminuição das famílias nucleares intactas, onde a autoridade é mais facilmente mantida (Estévez & Góngora, 2009). O número cada vez mais reduzido de filhos é, igualmente, outra razão que aumenta a dificuldade dos pais em manterem a sua autoridade no contexto familiar, uma vez que o filho único é muito desejado e o único foco de atenção por parte dos pais (Pereira & Bertino, 2009). Por outro lado, é importante referir as alterações no ciclo vital familiar, pois os pais têm o seu primeiro filho cada vez mais tarde, podendo assim ter menos energia para manter a autoridade e disciplina dentro da família (Pereira & Bertino, 2009).

### **1.3. Fatores de manutenção da Violência Filioparental**

Um dos principais fatores de manutenção da VFP é a negação da violência existente no contexto familiar. De acordo com Harbin e Madden (1979, como citado em Estévez & Góngora, 2009) mães e pais têm tendência a negar a seriedade dos comportamentos agressivos dos seus filhos de forma a manterem a aparência de uma família harmoniosa. Sentimentos de vergonha e de culpa, bem como o julgamento que a comunidade pode fazer da sua capacidade de serem pais, são fatores que frequentemente contribuem para a manutenção do segredo (Agnew & Huguley, 1989). Até ao momento da tomada de decisão sobre medidas para solucionar a situação de VFP, os pais chegam a tolerar níveis elevados de violência por parte dos seus filhos (Pérez & Pereira, 2006). Tal como acontece noutros tipos de violência familiar, as vítimas tendem a esconder o abuso, aumentando a probabilidade de este se tornar um fenómeno subestimado. A possibilidade de o filho conseguir ganhar benefícios ou vantagens recorrendo à violência contra os seus pais é também uma condição de manutenção da VFP. Segundo Pereira e Bertino (2009), os filhos que obtêm benefícios através da violência tendem a procurar o aumento do seu poder e controlo dentro do núcleo familiar. O filho consegue, deste modo, atingir os seus objectivos - fazer o que quer e quando quer (como por exemplo chegar a casa às horas que quer, obter dinheiro, entre outros). Para obter o que deseja, o filho agressor chega a dificultar a comunicação entre os seus pais, com o intuito de evitar interferências que possam colocar em perigo o poder até aí alcançado. Com o passar do tempo, o filho vai tendo mais poder em casa e as relações familiares tornam-se cada vez mais escassas (Serra, 2013).

De acordo com Omer (2004), os pais tendem a ignorar os comportamentos mais violentos do seu filho de forma a tentar evitar a confrontação. Consequentemente, o filho passa a recorrer a comportamentos violentos mais extremos, de maneira a conseguir manter o seu poder. A normalização desta situação conflituosa entre pais e filhos dificulta a possibilidade de ajuda por parte da família extensa e de profissionais.

#### **1.4 Representações Sociais sobre a VFP**

Para Moscovici (1978, p. 27) a representação social é “uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”. A representação social é assim, “um conjunto de conceitos, proposições e explicações criado na vida quotidiana no decurso da comunicação interindividual. São o equivalente na nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem ainda ser vistas como a versão contemporânea do senso comum” (Moscovici, 1981, como citado em Vala, 2013, p.354). Só é uma representação social o conhecimento advindo do senso comum, ou seja, elaborado socialmente na vida quotidiana e que tem como função interpretar e agir sobre a realidade (Bonfim & Almeida, 1992).

A representação social tem um papel importante na orientação de condutas, porque modela o comportamento e justifica a sua concretização. A representação social orienta o comportamento, dando significado aos elementos do ambiente no qual o comportamento vai ocorrer. O papel da representação social é o de fornecer um instrumento por meio do qual os grupos aprendem formas de se envolver e relacionar. Para Moscovici (2003) a finalidade das representações sociais é transformar o não-familiar em familiar. Assim, as representações sociais permitem ter uma perceção estável e previsível do mundo, superando o desafio de enfrentar a diversidade dos indivíduos, das atitudes e dos fenómenos. As representações sociais encontram-se num referencial de pensamento preexistente, dependendo, portanto, de um sistema de crenças, valores e imagens (Moscovici, 2003). A estrutura do conteúdo das representações sociais pode ser dividida em três dimensões: a) informação, ou seja conhecimentos que existem acerca de um objeto social, apreendidos por um grupo específico (Bonfim & Almeida, 1992); b) o campo da representação que constitui a tendência de respostas (Bonfim & Almeida, 1992); e c) a atitude, que expressa as orientações sobre o objeto, sejam estas negativas ou positivas (Bonfim & Almeida, 1992).

A pesquisa centrada nas representações sociais procura destacar o contributo das crenças, valores, ditados populares e ideologias, uma vez que constituem o conhecimento do senso comum. Por isso, a subjetividade presente nas representações sociais acerca da violência gere, direta ou indiretamente, as ações e relações sociais (Porto, 2006).

Em toda a literatura internacional são raros os estudos acerca desde fenómeno emergente que é a Violência Filioparental, cingindo-se a grande

maioria dos trabalhos a: estudo dos fatores/preditores mais associados à VFP (Ibabe, Jaureguizar & Bentler, 2013); características mais comuns das famílias onde existe a VFP (Cottrell & Monk, 2004); estudos de prevalência (Gallagher, 2008); perfil clínico do adolescente agressor de VFP (Ibabe, Arnoso, & Elgorriaga, 2014a); problemas comportamentais e sintomatologia depressiva como preditor de VFP (Ibabe, Arnoso, & Elgorriaga, 2014b), entre outros.

Em Portugal a VFP é um tema pouco abordado, com um único estudo até ao momento, tornando-se assim fulcral mais investigação acerca deste fenómeno, e mais especificamente sobre as representações sociais em torno da violência dos filhos contra os pais. Com este estudo pretende-se contribuir para um melhor conhecimento acerca de como em Portugal se percebe a VFP.

## **II - Objetivos**

Com a presente investigação pretende-se comparar as representações sociais sobre a Violência Filioparental entre uma amostra de adultos e adolescentes da comunidade geral, através de dois instrumentos de avaliação das representações sociais.

Tem como objetivos específicos:

- a) Comparar as qualidades psicométricas dos 2 instrumentos entre as duas amostras;
- b) Comparar os fatores facilitadores, de manutenção e de resolução referenciados pelos adultos e pelos adolescentes;
- c) Comparar as respostas ao QRVFP-HIS entre adolescentes e adultos;
- d) Analisar a influência da variável sexo e da sua interação com a variável grupo (adolescentes vs adultos) nas respostas ao QRVFP-HIS

## **III - Metodologia**

### **3.1 Amostra**

A amostra foi recolhida de acordo com o método de amostragem não probabilística (amostra de conveniência), tendo apenas como critério principal previamente estabelecido a faixa etária dos participantes. Foi previamente definida que a idade para a amostra dos Adolescentes seria compreendida entre os 14 e os 18 anos ( $M = 15.98$ ;  $DP = 1.52$ ) e para a amostra dos Adultos, todos aqueles com mais de 18 anos ( $M = 28.00$ ;  $DP = 9.53$ ).

A amostra total é constituída por 326 sujeitos da população geral, 152 (46.63%) adolescentes e 174 (53.37%) adultos.

A amostra de adolescentes é constituída por 74 (48.7%) participantes do sexo masculino e 78 (51.3%) do sexo feminino. No que se refere à escolaridade, 47 (32%) dos participantes frequentam o 3º ciclo e 100 (68%) frequentam o ensino secundário. Quando questionados sobre a existência de irmãos, 16.2% ( $n = 24$ ) dos participantes referem não ter e 83.8% ( $n = 124$ ) têm irmãos. Destes últimos, 80 (61.5%) têm um irmão, 29 (22.3%) têm dois irmãos, 12 (9.2%) referiram ter três irmãos, e apenas 3 (2.3%) responderam ter quatro ou mais irmãos. Relativamente à posição que ocupam na fratria 36.8% ( $n = 46$ ) são o irmão mais velho, 48% ( $n = 60$ ) são os mais novos e, 15.2% ( $n = 19$ ) ocupam a posição de irmão do meio na fratria.

Dos 174 adultos que participaram na presente investigação, 38 (21.8%) são do sexo masculino e 136 (78.2%) do sexo feminino. A grande maioria da amostra é constituída por solteiros ( $n=129$ , 74.1%) e sem filhos ( $n = 129$ ; 74.6%), seguindo-se os casados ou em união de facto ( $n = 42$ ; 24.1%) e por último os divorciados ou separados ( $n = 3$ ; 1.7%). No que se refere às habilitações literárias, 48.5% ( $n = 83$ ) são licenciados e apenas 8.2% ( $n = 14$ ) têm o 3º ciclo ou inferior (Tabela 1). A nível profissional, 52.3% ( $n = 91$ ) da amostra são ainda estudantes, seguido do grupo de trabalhadores Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas ( $n = 41$ ; 23.6%). Os participantes estão essencialmente enquadrados a nível profissional na seção “Outros” ( $n=38$ ; 50%), seguindo-se a Função Pública ( $n=20$ ; 26.3%), e têm um tempo médio de serviço de 13 anos ( $M = 12.98$ ;  $DP= 9.595$ ).

**Tabela 1. Características sociodemográficas da amostra - ADULTOS**

Variáveis		<i>n</i>	%	<i>M</i> ( <i>DP</i> )	<i>Amplitude</i>
Idade				28 (9,53)	19-58
Sexo	Feminino	136	78,2		
	Masculino	38	21,8		
Estado Civil	Solteiro	129	74,1		
	Casado ou União de Facto	42	24,1		
	Divorciado	3	1,7		
Filhos	Sim	44	25,4		
	Não	129	74,6		
Habilitações	1º Ciclo	1	0,6		
	2º Ciclo	1	0,6		
	3º Ciclo	12	7		
	Secundário	50	29,2		
	Bacharelato	3	1,8		
	Licenciatura	83	48,5		
	Mestrado	20	11,7		
Doutoramento	1	0,6			

---

Profissão	Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e quadros superiores de empresas	1	0,57
	Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas	41	23,6
	Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio	10	5,7
	Pessoal Administrativo e Similares	6	3,4
	Trabalhadores dos Serviços Pessoais, de Protecção e Segurança	10	5,7
	Trabalhadores qualificados da Indústria, Construção e Artífices	4	2,3
	Operadores de Instalações e Máquinas e Trabalhadores de Montagem	2	1,2
	Trabalhadores Não Qualificados	2	1,2
	Estudantes	91	52,3
	Domésticas	1	0,57
	Desempregados	8	4,6

---

### 3.2 Instrumentos

Para a realização deste estudo usou-se um protocolo constituído por quatro instrumentos de autorrelato: o Questionário de dados sociodemográficos; o Questionário de Representações Sociais sobre VFP – Histórias (QRVFP-HIS) (Patuleia, N., Alberto, I., Pereira, R., & Alarcão, M., 2014); o Questionário sobre Violência dos filhos contra os pais – Fatores

Facilitadores, de Manutenção e de Resolução (QVFP – FMR) (Patuleia, N., Alberto, I., Pereira, R., & Alarcão, M. 2014) e a Escala de avaliação da desejabilidade social de Marlowe-Crowne (MCSDS; Crowne&Marlowe, 1960; Simões, Almiro, & Sousa, 2012). Os questionários foram aplicados pela ordem pela qual são descritos a seguir.

### **3.2.1 Questionário de Dados Sociodemográficos**

O questionário de dados sociodemográficos tem como principal objetivo a caracterização da amostra. No questionário dos adolescentes recolheu-se informação acerca da escolaridade, ter ou não irmãos e quantos, e a posição que ocupa na fratria. O questionário dos adultos inclui questões sobre o estado civil, ter/ não ter filhos e o número, habilitações literárias, profissão e enquadramento profissional, bem como o tempo de serviço.

### **3.2.2 Questionário de Representações sobre VFP – Histórias (QRVFP-HIS) (Patuleia, N., Alberto, I., Pereira, R., & Alarcão, M., 2014)**

O Questionário de Representações sobre VFP – Histórias (QRVFP-H) é composto por três histórias sobre VFP. Para cada uma das histórias são apresentadas dez afirmações/ itens, para as quais o participante deverá responder de acordo com o seu grau de concordância, usando uma escala de *Likert* de quatro pontos: 1- “discordo totalmente”, 2- “discordo”, 3- “concordo” e 4- “concordo totalmente”. Com este questionário pretende-se identificar as representações sociais dos participantes relativamente à legitimação/ tolerância à violência Filioparental. A sua construção resulta de revisão bibliográfica e em pressupostos teóricos, assim como da experiência clínica das autoras com famílias sinalizadas com VFP.

Este instrumento encontra-se ainda em fase de validação.

### **3.2.3 Questionário sobre Violência dos filhos contra os pais – Fatores Facilitadores, de Manutenção e de Resolução (QVFP – FMR) (Patuleia, N., Alberto, I., Pereira, R., & Alarcão, M. 2014)**

O Questionário sobre a violência dos filhos contra os pais – Fatores Facilitadores, de Manutenção e de Resolução (QVF-FMR) inclui um conjunto de 19 afirmações/ itens relativos aos fatores que podem facilitar a violência filioparental, um conjunto de 19 itens sobre as condições de manutenção da VFP, e 19 itens sobre fatores que podem interromper/ resolver as situações de violência filioparental. Para cada uma das afirmações é de novo pedido que indique o seu grau de concordância usando a seguinte escala de *Likert*: 1- “discordo totalmente”, 2- “discordo”, 3- “concordo” e 4- “concordo totalmente”.

Como referido anteriormente, este questionário encontra-se também ainda em fase de validação.

### 3.2.4 Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS; Crowne&Marlowe, 1960; Simões, Almiro, & Sousa, 2012)

A Escala de Desejabilidade Social *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale* é constituída por 33 itens de resposta dicotómica (Verdadeiro/ Falso) com o objetivo de avaliar a “tendência que certas pessoas têm em apresentar as suas qualidades de forma inflacionada ou exagerada” (Pechorro, Vieira, Poiares, & Marôco, 2012, p.103), avaliando se o participante tende a responder de acordo com o socialmente aceite e esperado.

O estudo original (Crowne & Marlowe, 1960) reporta coeficientes de consistência interna de 0.88, com um índice de precisão teste-reteste de 0.89 após um mês. De entre os vários estudos na população portuguesa, Barros, Moreira, e Oliveira (2005) encontraram valores para a consistência interna de 0.64 ( $N = 483$  estudantes) e Silvestre (2011) registou um valor de  $\alpha = 0.96$ .

Na presente investigação, o valor da consistência interna da MCSDS aplicada aos adolescentes é de 0.758 ( $N = 144$ ) e nos adultos de 0.796 ( $N = 164$ ), o que vai de encontro aos resultados alcançados em outros estudos (Barger, 2002; Loo & Loewen, 2004; Ribas et al, 2004).

### 3.3 Procedimentos

Começou-se por informar os participantes sobre a pesquisa, bem como sobre as condições de garantia da confidencialidade e anonimato e de participação voluntária. Aos que acederam colaborar foi solicitado que assinassem o consentimento. No caso dos adolescentes todo o processo foi feito também com os pais, que assinavam uma declaração onde autorizavam a participação do filho(a). Os adolescentes responderam presencialmente e pela ordem anteriormente apresentada. Os adultos acederam por duas vias: presencial ou *online*.

Depois de recolhida a amostra foi realizada análise qualitativa das respostas aos itens e das respostas às questões complementares do protocolo e ainda, análise estatística com recurso à versão 20.0 para *Windows* do programa IBM SPSS 20 (*Statistical Package for Social Sciences*).

## IV – Apresentação dos Resultados

### 4.1 Comparação das qualidades psicométricas do QRVFP-HIS e do QVFP-FMR entre adolescentes e adultos

Relativamente à consistência interna do QRVFP-HIS, a História 1 apresenta um coeficiente *alfa de Crobach* semelhante nas duas amostras, com  $\alpha = 0.675$  nos adultos e  $\alpha = 0.726$  nos adolescentes, o que traduz uma

Comparação das representações sociais sobre a Violência Filioparental entre uma amostra de adultos e uma amostra de adolescentes

Eduarda Manuela Martins Lopes (e-mail:eduarda\_lopes28@hotmail.com) 2015

consistência razoável para os adolescentes, mas não atinge o  $\alpha = .70$ , considerado satisfatório, nos adultos (Pestana & Gageiro, 2003). Em ambas as amostras, na relação de cada item com o resultado total da história, o item 5 (adolescentes  $r = 0.099$ ; adultos  $r = 0.120$ ) foi o que apresentou menor correlação (Anexo A).

A História 2 apresenta uma consistência interna razoável após a retirada de dois itens (item 5 e item 7) (adultos  $\alpha = 0.620$ ; adolescentes  $\alpha = 0.695$ ) (Pestana & Gageiro, 2003). Analisando a correlação entre os itens e a escala total, os itens 10 (adolescentes  $r = -0.257$ ; adultos  $r = -0.182$ ) e 8 (adolescentes  $r = -0.249$ ; adultos  $r = -0.266$ ) são o que apresentam menor correlação com a escala total (Anexo B).

Na História 3 a consistência interna é razoável (adultos  $\alpha = 0.718$ ; adolescentes  $\alpha = 0.731$ ). Como nas histórias anteriores, existem dois itens com uma fraca correlação com a escala total, designadamente o item 5 (adolescentes  $r = -0.024$ ; adultos  $r = -0.161$ ) e 6 (adolescentes  $r = -0.122$ ; adultos  $r = -0.133$ ) (Anexo C).

No que respeita ao QVFPFMR, analisando a consistência interna dos fatores facilitadores é perceptível que, nos adolescentes, o valor de *alfa de Cronbach* não atinge o mínimo razoável, mas aproxima-se ( $\alpha = 0.678$ ), enquanto nos adultos os resultados mostram uma boa consistência interna ( $\alpha = 0.828$ ). Nos adolescentes, o item 3 ( $r = 0.135$ ) - *“Pais muito autoritários e rígidos que não deixam espaço aos filhos e os tornam revoltados”* é o que regista menor correlação com a escala total, enquanto o item 17 ( $r = 0.451$ ) - *“Existe confusão sobre a maneira correta de educar que resulta da má interpretação da educação democrática”* apresenta maior correlação. Por sua vez nos adultos, com menor correlação destaca-se o item 10 ( $r = 0.207$ ) - *“Baixa escolaridade dos pais e maior escolaridade dos filhos, o que dá maior poder aos filhos em relação aos pais”*; e com maior correlação com a escala total está o item 14 ( $r = 0.491$ ) - *“Baixa autoestima por parte dos pais”* (Anexo D).

Os fatores de manutenção da VFP apresentam uma consistência interna boa em ambas as versões. Nos adolescentes obtém-se um  $\alpha = 0.839$ , com o item 15 ( $r = 0.298$ ) - *“Medo por parte dos pais de que a restante família os culpe e rejeite por terem feito denúncia”* a ter a correlação mais baixa com a escala total, e o item 9 ( $r = 0.524$ ) - *“Falta de conhecimentos dos pais sobre como e a quem pedir ajuda”* com a melhor correlação com a escala total. Nos adultos regista-se um  $\alpha = 0.842$ , destacando-se o item 13 ( $r = 0.146$ ) - *“Manifestação de carinho e arrependimento por parte dos filhos agressores, fora dos momentos de violência”*, pela baixa correlação com a escala total e o item 10 ( $r = 0.682$ ) - *“Falta de confiança na eficácia dos serviços sociais”* pela correlação mais elevada (Anexo E).

Referente aos fatores relacionados com a resolução da violência filio-parental a consistência interna encontrada é muito boa. Os adolescentes apresentam um valor de  $\alpha = 0.917$ , denotando-se uma menor correlação com

a escala total no item 10 ( $r = 0.376$ ) – “Melhorar as condições socioeconômicas das famílias”, enquanto o item 7 ( $r = 0.687$ ) – “Proporcionar uma intervenção social e terapêutica especializada em violência filioparental com filhos e pais” tem a correlação mais elevada. Nos adultos obteve-se um valor  $\alpha = 0.919$ , destacando-se neste caso também o item 10 ( $r = 0.304$ ) com a correlação mais baixa e o item 18 ( $r = 0.769$ ) – “Criar respostas sociais de apoio para estas situações que sejam percebidas como eficazes” como o mais correlacionado com a escala total (Anexo F).

#### 4.2. Análise das respostas às questões abertas

Quando questionados se “há VFP em alguma das histórias” 124 adolescentes (81.6%) e 169 adultos (97.1%) responderam afirmativamente há questão. No que respeita a “em qual dos casos a VFP está presente”, 72 (47.4%) adolescentes refere haver violência em todas as histórias, 11 (7.2%) na História 1, 8 (5.3%) na História 3, não havendo nenhum adolescente a indicar somente a História 2. Porém, 7 (4.6%) adolescentes indicaram simultaneamente a História 1 e 2, 21 (13.8%) a História 1 e 3, e ainda 1 (0.7%) adolescente identificou as Histórias 2 e 3. Nos adultos, a grande maioria dos participantes ( $n = 134$ ; 83.2%) considera haver violência em todas as histórias, 25 sujeitos (15.5%) na História 1, sendo as Histórias 2 ( $n = 2$ ; 1.2%) e 3 ( $n = 12$ ; 7.5%) as menos referidas pelos participantes que indicaram apenas uma história com VFP. Quando comparadas as respostas dadas pelos dois grupos da amostra à mesma questão, a maioria refere haver violência nas três histórias, porém, quando identificam apenas uma das histórias, a escolha na História 1 é predominante.

No que respeita à questão “se sim, qual lhe parece ser o caso mais grave”, a História 1 é indicada como sendo mais grave por 62 (40.8%) adolescentes, seguindo-se a História 3 por 37 (24.4%) e, por último a História 2 por apenas 9 (5.9%) adolescentes. Um adolescente identificou a História 1 e 3, e outro a História 2 e 3 (0.7%). Ainda 7 (4.6%) adolescentes não identificaram uma história em específico, dizendo que todas são graves. Os adultos consideram a História 1 como a mais grave ( $n = 98$ ; 62.8%), seguindo-se a História 3 ( $n = 35$ ; 22.4%), e por último, como a menos grave das três histórias, a História 2 ( $n = 12$ ; 7.7%). Existem ainda 21 (13.5%) adultos que consideram não existir diferenças quanto ao grau de gravidade entre as diferentes histórias. Em ambas as amostras (adultos e adolescentes), a História 1 é indicada como sendo o caso mais grave de VFP.

Quando questionados acerca do “porquê” da gravidade, 34 (23.8%) adolescentes apontam a existência de abuso físico; 31 (21.6%) referem a idade como possível justificação (adolescência); 6 (4.2%) destacaram o abuso não-verbal e psicológico; e 2 adolescentes consideram a existência de abuso verbal e/ ou psicológico. Por sua vez, os adultos apresentam como principais justificações para a sua escolha, a idade precoce dos filhos e a fase

de adolescência dos agressores ( $n= 54$ ; 41.9%) e a perpetração de agressões físicas ( $n= 43$ ; 32.6%). Alguns adultos consideram também a instabilidade familiar e excessiva permissividade dos progenitores ( $n=25$ ; 18.9%), os Comportamentos Disruptivos e Agressividade ( $n=15$ ; 11.4%), Abuso Psicológico ( $n= 14$ ; 10.6%), Abuso Verbal ( $n=8$ ; 6.1%) e Influência dos Pares ( $n= 4$ ;3%).

À questão “já ouviu falar da violência dos filhos contra os pais, onde”, 106 adolescentes responderam afirmativamente (69.7%), tendo como principais fontes de informação os Media e a Comunicação Social ( $n= 77$ ; 52%), o Meio Social onde vivem ( $n=74$ ; 39.4%), a Escola ( $n= 46$ ; 32.7%), o Grupo de Pares ( $n= 21$ ; 14.4%), e a família ( $n= 7$ ; 4.9%). Na versão dos Adultos, 162 (93.1%) responderam afirmativamente à questão, enumerando como principais fontes de informação os Media e a Comunicação Social ( $n= 133$ ; 88.7%), mais especificamente através da Televisão ( $n =53$ ; 35.3%), Jornais e Literatura ( $n=16$ ; 10.7%), Internet ( $n=9$ ; 6%) e ainda a Rádio ( $n=1$ ;0.7%), 60 (40%) adultos referiram também como principal fonte de informação a sua Atividade Profissional e Formação Académica e o seu Meio Social ( $n= 42$ ; 28%).

Em resposta à última questão “conhece algum caso de VFP”, 135 (88.8%) adolescentes responderam que não, tendo apenas 17 (11,2%) respondido que conheciam casos de VFP. Destes 17 adolescentes, 6 (4.2%) descreveram a situação como havendo Abuso Verbal e/ ou Psicológico, 4 (2.8%) Abuso Psicológico, 3 (2.1%) Agressões Físicas, tendo ainda 3 (2.1%) adolescentes referido a existência de Abuso Financeiro. No que respeita aos adultos, apenas 55 (32%) dizem conhecer casos de VFP, tendo 117 (68%) participantes respondido negativamente à questão. Dos 55 que afirmaram conhecer casos de VFP, apenas 49 responderam à questão “Se sim, descreve o que aconteceu para achares que é violência”, com cerca de 55.1% ( $n= 27$ ) a referirem o Abuso Físico, seguindo-se o Abuso Não-Verbal/ Psicológico ( $n=24$ ; 49%), o Abuso Verbal ( $n=14$ ; 28.6%) e, menos frequente, o Abuso Financeiro ( $n=2$ ; 4%).

#### **4.3 Comparação entre adolescentes e adultos nas respostas ao QRVFP-HIS e ao QVFP-FMR**

Na análise comparativa entre os resultados dos adolescentes e dos adultos em cada uma das histórias e no Total das Histórias recorreu-se ao teste Anova-3 way, com as variáveis independentes grupo (adolescentes vs adultos) e sexo (feminino vs masculino), tendo como variável covariante a desejabilidade social, no sentido de se controlar o efeito desta nas respostas ao QRVFP-HIS.

Na História 1 (Anexo G), assumindo a homogeneidade das variâncias através do *Teste de Levene* ( $F=.870$ ;  $p=.457$ ), verificou-se que as médias são estatisticamente significativas em função do grupo (adolescentes vs adultos)

( $F(3,303) = 36.736, p = .000, \eta_p^2 = .108$ ; potência=1.00)<sup>1</sup>, do sexo (masculino vs feminino) ( $F(3, 303) = 18.673, p = .000, \eta_p^2 = .058$ ; potência=.991) e da desejabilidade social, enquanto covariável ( $F(3,303) = 5.127, p = .024, \eta_p^2 = .017$ ; potência=.617). As médias indicam uma superioridade na legitimação na História 1 nos adolescentes e no sexo masculino em ambas as amostras (Tabela 2). A interação entre grupo x sexo não tem influência estatisticamente significativa.

**Tabela 2. Estatísticas Descritivas - História 1**

Grupo	Sexo	M	DP	N
Adultos	Feminino	16,34	3,079	127
	Masculino	17,86	3,773	36
Adolescentes	Feminino	18,79	3,772	71
	Masculino	20,99	3,839	73

Na História 2 (Anexo H), assumindo a homogeneidade das variâncias através do *Teste de Levene* ( $F = 2.293; p = .078$ ), verificou-se que as médias são estatisticamente significativas em função do grupo (adolescentes vs adultos) ( $F(3,303) = 36.432, p = .000, \eta_p^2 = .108$ ; potência=1.00) e do sexo (masculino vs feminino) ( $F(3, 303) = 7.334, p = .007, \eta_p^2 = .024$ ; potência=.770). Não se verifica um efeito estatisticamente significativo na interação do grupo x sexo, nem da desejabilidade social enquanto covariável ( $F(3,303) = 1.733, p = .189, \eta_p^2 = .006$ ; potência=.259). As médias indicam uma superioridade na legitimação na História 2 nos adolescentes e no sexo masculino em ambas as amostras (Tabela 3).

**Tabela 3. Estatísticas Descritivas - História 2**

Grupo	Sexo	M	DP	N
Adultos	Feminino	13,24	2,802	127
	Masculino	13,86	2,497	36
Adolescentes	Feminino	15,20	3,055	71
	Masculino	16,62	3,600	73

Na História 3 (Anexo I), assumindo a homogeneidade das variâncias através do *Teste de Levene* ( $F = .277; p = .842$ ), verificou-se que as médias são estatisticamente significativas em função do grupo (adolescentes vs adultos) ( $F(3,303) = 49.456, p = .000, \eta_p^2 = .140$ ; potência=1.00) e do sexo (masculino vs feminino) ( $F(3, 303) = 7.68, p = .006, \eta_p^2 = .025$ ; potência=.789). Não se verifica um efeito estatisticamente significativo na interação do grupo x sexo, nem da desejabilidade social enquanto covariável ( $F(3,303)$

<sup>1</sup> Eta parcial ao quadrado ( $\eta_p^2$ ) é a medida de dimensão do efeito, que de acordo com Maroco (2014) varia entre pequeno (<.05); médio (.05 a .25); elevado (.25 a .50) e muito elevado ( $\geq 0.5$ ).

=.641,  $p=.424, \eta_p^2=.002$ ; potência=.126). As médias indicam uma superioridade na legitimação na História 3 nos adolescentes e no sexo masculino em ambas as amostras (Tabela 4).

**Tabela 4. Estatísticas Descritivas- História 3**

Grupo	Sexo	M	DP	N
Adultos	Feminino	19,57	3,720	127
	Masculino	20,86	4,171	37
Adolescentes	Feminino	22,99	3,959	71
	Masculino	24,34	3,827	73

No total do QRVFP-HIS (Anexo J), assumindo a homogeneidade das variâncias através do *Teste de Levene* ( $F=.453; p=.716$ ), verificou-se que as médias são estatisticamente significativas em função do grupo (adolescentes vs adultos) ( $F(3,303) = 56.641, p=.000, \eta_p^2=.158$ ; potência=1.00) e do sexo (masculino vs feminino) ( $F(3, 303) = 15.489, p=.000, \eta_p^2=.049$ ; potência=.975). Não se verifica um efeito estatisticamente significativo na interação do grupo x sexo, nem da desejabilidade social enquanto covariável ( $F(3,303) = 2.945, p=.087, \eta_p^2=.010$ ; potência=.402). As médias indicam uma superioridade na legitimação nas Histórias nos adolescentes e no sexo masculino em ambas as amostras (Tabela 5).

**Tabela 5. Estatísticas Descritivas - Total das Histórias**

Grupo	Sexo	M	DP	N
Adultos	Feminino	49,14	8,324	127
	Masculino	52,71	8,632	35
Adolescentes	Feminino	56,97	8,741	71
	Masculino	61,95	9,437	73

Relativamente à comparação entre os adolescentes e os adultos ao Questionário sobre a violência dos filhos contra os pais – Fatores Facilitadores, de Manutenção e de Resolução (QVF-FMR), feita por itens que têm uma cotação ordinal, recorreu-se à estatística não paramétrica para amostras independentes, nomeadamente o teste *Mann-Whitney U*.

Comparando as respostas dos dois grupos, são vários os itens que apresentam diferenças estatisticamente significativas (Anexo K). De entre os vários, por exemplo, ao nível dos fatores facilitadores com diferenças estatisticamente significativas, destaca-se o item 1 ( $U= 10377.500, p=.000$ ) - “*Exposição dos filhos a situações de violência e conflito familiar*” e o 5 ( $U= 11065.500, p=.006$ ) - “*Isolamento social das famílias, sem rede social de suporte e envolvimento na comunidade*”, com os adultos a atribuírem maior importância a estes dois fatores; nos fatores que ajudam a manter a violência filiofamiliar, o item 6 ( $U= 10536.000, p=.000$ ) - “*Desvalorização*

da situação por parte dos pais” e o 18 ( $U= 10209.500, p=.000$ ) - “Falta de confiança na eficácia dos serviços de saúde mental”, novamente com os adultos a darem maior destaque a estes fatores que os adolescentes; quanto aos fatores que podem levar à interrupção da violência destacam-se o item 3 ( $U= 9941.500, p=.000$ ) - “Dar formação aos profissionais da educação, saúde, serviço social, justiça e forças policiais para identificarem as situações de violência filiofamiliar e saberem orientar para as entidades competentes na temática” e o 19 ( $U= 10128.500, p=.000$ ) - “Trabalhar logo na escola a sensibilização para a não tolerância da violência de filhos, mesmo crianças, contra os seus pais”. Porém, existem fatores que revelam semelhante grau de concordância entre os dois grupos, como por exemplo: nos fatores facilitadores da violência filiofamiliar, os itens 3 - “Pais muito autoritários e rígidos que não deixam espaço aos filhos e os tornam revoltados”, o item 6 - “Situações de stress e dificuldades económicas das famílias”, item 12 - “Sentimentos de culpa dos pais/ mães por terem pouco tempo para estar com os filhos”, e ainda o item 16 - “Os pais não controlam o mau comportamento dos filhos com medo que estes deixem de gostar deles”; no que respeita aos fatores de manutenção da violência apenas se destacam os itens 14 - “Falta de confiança na eficácia da justiça” e o 16 - “Doença mental e/ou física do pai/ mãe vítima da violência por parte do filho”; por último, nos fatores que podem levar à interrupção da violência, os dois grupos mostram idêntico grau de concordância no item 15 - “Quando necessário, proteger os pais, institucionalizando os filhos agressores”.

## V. Discussão dos resultados

Ao longo da análise quantitativa das respostas dos sujeitos é notório, em todas as histórias do questionário QRVFP-HIS, a supremacia das médias de resposta da amostra de adolescentes comparativamente à amostra de adultos. Apesar de não haver estudos sobre a temática das representações sociais diretamente relacionados com este tipo de violência, numerosos estudos mostram uma maior prevalência de condutas violentas dos filhos do sexo masculino contra os pais (Gallagher, 2008; Ibabe, Jaureguizar, & Díaz, 2009; Walsh & Krienert, 2007), o que pode estar relacionado também com o facto de no presente estudo os adolescentes do sexo masculino legitimaram mais este tipo de comportamentos violentos. Por outro lado, há estudos que mostram uma igualdade de prevalência do sexo do perpetrador de violência (Bobic, 2002; Pagani et al., 2004), sendo o único fator diferenciador o tipo de violência exercida por cada um dos sexos, com o sexo feminino com maiores taxas de violência psicológica e emocional que o sexo masculino (Nock & Kazdin, 2002).

O efeito de desejabilidade social apenas se faz notar na História 1. Este resultado poder-se-á dever ao facto de a mesma história ser indicada pelos dois grupos da amostra como aquela com o caso mais de grave de violência filiofamiliar, tendo grande parte da amostra justificado a sua

resposta devido à perpetração de abuso/ violência física na história. O abuso físico é a forma de violência menos tolerada pela sociedade e a mais visível, como tal, esta pode ser uma das possíveis justificações para que se tenha encontrado maior tendência dos participantes em responder de acordo com o socialmente esperado nesta história, comparativamente às restantes histórias, suscetíveis de dividir mais a opinião do público, por não se estar perante situações de violência física clara. A violência psicológica e emocional pode muitas vezes ser compreendida como uma atitude normativa da adolescência, comum em qualquer tipo de conflito familiar e não como uma atitude abusiva contra os pais que implica uma situação humilhante e desafiadora da autoridade parental, com a intenção de obter domínio e magoá-los (Estévez & Góngora, 2009).

As respostas dadas pelos sujeitos no Questionário sobre a violência dos filhos contra os pais – Fatores Facilitadores, de Manutenção e de Resolução (QVFP-FMR) são, em parte, congruentes com as conclusões de vários estudos acerca desta temática. Nos fatores facilitadores os adultos mostram maior grau de concordância com a maioria dos fatores apresentados, identificando como principais causas/ motivos para o início deste problema questões como a existência de conflitos e violência intrafamiliar, a excessiva permissividade dos pais, a fraca ou inexistente rede de apoio e a inconsistência entre pai e mãe em matéria de disciplina. Apesar de haver maior grau de concordância dos adultos em praticamente todos os itens, o item 9 – *“Diferentes formas de famílias, em que há mães, pais, madrastas, tornando-se difícil para os filhos saber quem tem autoridade sobre eles”* apresenta maior grau de concordância por parte dos adolescentes, isto é, os adolescentes atribuem maior importância que os adultos. No que respeita aos fatores de manutenção ambos os grupos são unânimes ao salientarem o facto de que os pais ao não reconhecerem os comportamentos violentos dos filhos como um problema sério e grave, e ao manterem essa situação em segredo devido a sentimentos de vergonha, estão a contribuir para a manutenção desses comportamentos. Quanto aos itens em que há maior disparidade de concordância entre os grupos, salienta-se o 15- *“Manifestação de carinho e arrependimento por parte dos filhos agressores, fora dos momentos de violência”* e o 18 – *“Falta de confiança na eficácia dos serviços de saúde mental”*. Por último, no que respeita aos fatores que podem levar à interrupção dos comportamentos violentos contra os pais, ambos os grupos estão de acordo quanto à necessidade de haver mais formação para os profissionais das várias áreas desde a saúde à justiça, de forma a estarem mais preparados para atuar nestas situações; e também de sensibilizar a comunidade geral e os pais para o facto de que as crianças têm direitos, mas também têm o dever de respeitar os adultos.

As opiniões dos dois grupos vão ao encontro da literatura existente acerca desta temática, que refere que nos últimos anos a estrutura familiar tem vindo a sofrer importantes alterações, cujas novas formas de família (monoparentais, de acolhimento, com progenitores do mesmo sexo, famílias reconstruídas ou adotantes) se associam a algumas consequências negativas

(Cánovas & Shuquillo, 2010). Diversos estudos apresentam uma correlação positiva entre a monoparentalidade e a violência filio-parental (Cottrell, 2001; Pagani, Larocque, Vitaro, & Tremblay, 2003; Stewart, Burns, & Leonard, 2007).

Segundo Yoshikawa (1994, citado em Ibabe et al., 2013) são muitos os estudos que apresentam a fraca supervisão e disciplina parental, assim como um estilo parental mais autoritário (hostil), como importantes fatores de risco para o desenvolvimento de comportamentos mais violentos na adolescência. A existência de dificuldades na relação pais-filhos, a inadequada capacidades de comunicação na relação, bem como pais com expectativas demasiado irrealistas, são alguns fatores de risco para a violência dos filhos contra os pais (Kennedy, Edmonds, Dann, & Burnett, 2010).

## VI- Conclusões

Como mencionado no início deste trabalho, a presente investigação assumiu como objetivo principal comparar uma amostra de adultos com uma de adolescentes relativamente ao grau de legitimação da violência dos filhos contra os pais. Para tal, através da análise das respostas ao Questionário de Representações Sociais sobre VFP – Histórias (QRVFP-HIS) (Patuleia, N., Alberto, I., Pereira, R., & Alarcão), foi possível apurar que os adolescentes têm uma maior tendência a legitimar este tipo de comportamentos violentos contra os pais, comparativamente aos adultos.

Verificou-se também a influência da variável sexo, com os participantes do sexo masculino adolescentes e adultos a registarem valores mais elevados no QRVFP-HIS. No QRVFP-HIS, apenas se verificou o efeito de desejabilidade social na História 1.

Ao nível do Questionário sobre Violência dos filhos contra os pais – Fatores Facilitadores, de Manutenção e de Resolução (QVFP – FMR) (Patuleia, N., Alberto, I., Pereira, R., & Alarcão, M. 2014), apesar de existirem alguns itens/ fatores em que o grau de concordância entre os dois grupos é semelhante, existem ainda assim, diferenças estatisticamente significativas entre muito dos fatores que compõem o questionário, com os adultos com médias mais elevadas quanto ao grau de concordância que os adolescentes. De entre os vários itens que diferem entre os dois grupos destacam-se o *“Isolamento social das famílias, sem rede social de suporte e envolvimento na comunidade”*, a *“Falta de confiança na eficácia dos serviços de saúde mental”* e a necessidade de *“Trabalhar logo na escola a sensibilização para a não tolerância da violência de filhos, mesmo crianças, contra os seus pais”*.

Serão necessários estudos posteriores, desde logo devido à fraca correlação de alguns itens com o total de cada história do Questionário de Representações Sociais sobre VFP – Histórias (QRVFP-HIS) que se reflete numa consistência que varia entre fraca e razoável, com exceção do total do instrumento que apresenta uma boa consistência. Será importante ver em estudos futuros a necessidade de correção ou exclusão desses itens da escala,

de modo a tornar a avaliação das representações sociais da violência dos filhos contra os pais mais fidedigna. Num futuro estudo seria interessante incluir mais adultos homens na amostra, tornando o grupo de adultos mais equilibrado quanto à variável género, e também tentar inserir na amostra participantes com faixas etárias mais diversificadas, com idades mais avançadas, visto que no presente estudo a média de idades é muito nova ( $M = 28.00$ ), com a maioria dos participantes solteiros e sem filhos.

Terminando, é de extrema importância a prossecução de estudos nesta área, visto este ser um fenómeno crescente na nossa sociedade, com pouca informação, estudos e investigação direcionada à população portuguesa.

### Bibliografia

- Agnew, R., & Huguley, S. (1989). Adolescent violence toward parents. *Journal of Marriage and the Family*, 51(3), 699-711.
- APAV(2012). Estatísticas APAV, Relatório Anual 2012. Retirado de [http://apav.pt/apav\\_v2/images/pdf/Estatisticas\\_APAV\\_Totais\\_Nacionais\\_2012.pdf](http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/Estatisticas_APAV_Totais_Nacionais_2012.pdf)
- Aroca, C. (2013). La violencia de hijos adolescentes contra sus progenitores. *Revista sobre la infancia y la adolescência*, 5, 12-30.
- Aroca, C., Moledo, M., & Pérez, C. (2014). La violencia filio-parental: un análisis de sus claves. *Anales de Psicología*, 30(1), 157-170.
- Aroca, C., & Leonhardt, P. C. (2012). Los estilos educativos parentales desde los modelos interactivo y de construcción conjunta: revisión de las investigaciones.
- Aroca, C., & Robles, J. L. (2012). La violencia filio-parental en hijas e hijos adolescentes con rasgos de psicopatía. *Criminología y Justicia*, 3, 25-44.
- Bandura, A. (1971). *Social Learning Theory*. New York: General Learning Press. Retirado de [http://www.esludwig.com/uploads/2/6/1/0/26105457/bandura\\_sociallearningtheory.pdf](http://www.esludwig.com/uploads/2/6/1/0/26105457/bandura_sociallearningtheory.pdf)
- Barger, S. D. (2002). The Marlowe-Crowne affair: short forms, psychometric structure, and social desirability. *Journal of Personality Assessment*, 79(2), 286-305.
- Barros, R., Moreira, P., & Oliveira, B. (2005). Influência da desejabilidade social na estimativa da ingestão alimentar obtida através de um questionário de frequência de consumo alimentar. *Acta Médica Portuguesa*, 18(1), 241-248.
- Bobic, N. (2002). *Adolescent violence toward parents: Myths and realities*. Marrickville, New South Wales: Rosemount Youth and Family Services.
- Bonfim, Z. A. C., & Almeida, S. F. C. (1992). Representação social: conceituação, dimensão e funções. *Revista de Psicologia*, 9(1-2), 75-89.

- Bugental, D. B., & Lewis, J. C. (1999). The Paradoxical Misuse of Power by Those Who See Themselves as Powerless: How Does It Happen?. *Journal of Social Issues*, 55(1), 51-64. Retirado de <http://eds.b.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?sid=6533762b-692f-43c8-981f-45fb5e453f5b%40sessionmgr110&vid=1&hid=127>
- Butters, J. E. (2002). Family stressors and adolescent cannabis use: A pathway to problem use. *Journal of Adolescence*, 25, 645-654.
- Calvete, E., & Gámez-Guadix, M. (2012). Violencia filio-parental y su asociación con la exposición a la violencia marital y la agresión de padres a hijos. *Psicothema*, 24(2), 277-283.
- Cánovas, P. & Sahuquillo, P. (2010). Educación y diversidad familiar: aproximación al caso de la monoparentalidad. *Educatio Siglo XXI*, 28(1), 109-126.
- Cottrell, B. (2001). *Parent abuse: the abuse of parents by their teenager children*. National Clearinghouse on Family Violence. Government of Canada.
- Cottrell, B., & Monk, P. (2004). Adolescent-to-parent abuse: A qualitative overview of common themes. *Journal of Family Issues*, 25(8), 1072-1095.
- Crowne, D. P., & Marlowe, D. (1960). A newscale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24(4), 349-354.
- Denton, R. E., & Kampfe, C. M. (1994). The relationship between family variables and adolescent substance abuse: A literature review. *Adolescence*, 29, 475-496.
- Doménech, M., & Íñiguez, L. (2002). La construcción social de la violencia. *Athenea Digital*, 2, 1-10.
- Estévez, E., & Góngora, J. (2009). Adolescent aggression towards parents: factors associated and intervention proposals. In a Cairtona Quin and Scott Tawse (Eds.), *Handbook of Aggressive Behavior Research* (pp. 143-164). Retirado de <http://www.uv.es/lisis/estevez/nova.pdf>
- Gallagher, E. (2004). Youths who victimize their parents. *Australian and New Zealand Journal of Family Therapy*, 25, 94-105.
- Gallagher, E. (2008). *Children's violence to parents: A critical literature review*. (Tese Mestrado, Monash University, Austrália).
- Garrido, V. (2005). *Los hijos tiranos. El síndrome del emperador*. Barcelona: Ariel.
- Garrido, V. (2008). El Síndrome del Emperador y sus desafíos en el ámbito científico y profesional. *Ponencia en la Jornadas sobre Violencia Intrafamiliar*, Valencia.
- Giddens, A. (2006). *La constitución de la sociedad*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Ibabe, I., Jaureguizar, J., & Díaz, O. (2009). Adolescent violence against parents: is it a consequence of gender inequality?. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 1(1), 3-24.
- Ibabe, I., & Jaureguizar, J. (2010). Child-to-parent violence: Profile of abusive

- adolescentes and their families. *Journal of Criminal Justice*, 38, 616-624.
- Ibabe, I., & Jaureguizar, J. (2011). Hasta qué punto la violencia filio-parental ésbidireccional. *Anales de psicología*, 27(2), 265-277.
- Ibabe, I., Jaureguizar, J., & Bentler, P. M. (2013). Risk Factors for Child-to-Parent Violence. *Journal of Family Violence*, 28, 523-534.
- Ibabe, I., Arnosó, A., & Elgorriaga, E. (2014a). The Clinical Profile of Adolescent Offenders Of Child-To-Parent Violence. *Procedia – Social and Behavioral Sciences*, 131, 377-381.
- Ibabe, I., Arnosó, A., & Elgorriaga, E. (2014b). Behavioral problems and depressive symptomatology as predictors of child-to-parent violence. *The European Journal of Psychology Applied to Legal Context*, 6, 53-61.
- Kennedy, T. D., Edmonds, W. A., Dann, K. T. J., & Burnett, K. F. (2010). The clinical and adaptive features of young offenders of child-parent violence. *Journal of Family Violence*, 25(5), 509-520.
- Loo, R., & Loewen, P. (2004). Confirmatory factor analyses of scores from full and short versions of the Marlowe-Crowne Social Desirability Scale. *Journal of Applied Social Psychology*, 34(11), 2343-2352.
- Maroco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS Statistics* (6ª ed.). Pero Pinheiro: Report Number.
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes.
- Nock, M. K., & Kazdin, A. E. (2002). Parent-directed physical aggression by clinic-referred youths. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 31(2), 193-205.
- Omer, H. (2004). *Non-violent Resistance: A New Approach to Violent and Self-destructive Children*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Pagani, L. S., Larocque, D., Vitaro, F., & Tremblay, R. E. (2003). Verbal and physical abuse toward mothers: The role of family configuration, environment, and coping strategies. *Journal of Youth and Adolescence*, 32, 215-223.
- Pagani, L. S., Tremblay, R. E., Nagin, D., Zoccolillo, M., Vitaro, F., & McDuff, P. (2004). Risk factor models for adolescent verbal and physical aggression toward mothers. *International Journal of Behavioral Development*, 28, 528-537.
- Patterson, G. R. (2002). Etiology and treatment of child and adolescent anti-social behavior. *The Behavior Analyst Today*, 3, 133-144.
- Patuleia, N., Alberto, I., & Pereira, R. (2014). *Tornar visível o escondido... a Violência Filioparental*, (Comunicação).
- Patuleia, N., Alberto, I., & Pereira, R. (2013). (Des) Construindo a Violência Filioparental – análise de um caso de intervenção terapêutica na violência filio-parental com adolescente em acolhimento institucional.

- Revista Brasileira de Psicoterapia, 15(1), 75-92
- Pechorro, P., Vieira, R. X., Poiares, C., & Marôco, J. (2012). Contributo para a Validação duma Versão Curta da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe – Crowne com Adolescentes Portugueses. *Arquivos de Medicina*, 26 (3), 103-108.
- Pereira, R., & Bertino, L. (2009) Una comprensión ecológica de la violencia filio-parental. *Revista de psicoterapia relacional e intervenciones sociales*, 21, 69-90.
- Pérez, T., & Pereira, R. (2006). Violencia filio-parental: un fenómeno emergente. *Revista Mosaico*, 36, 1-3.
- Pestana M. H., & Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais: A complementaridade do SPSS*. (3ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo
- Porto, M. S. G. (2006). Crenças, valores e representações sociais da violência. *Sociologias*, 16, 250-273.
- Proctor, L. J. (2006). Children growing up in a violent community: The role of the family. *Aggression and Violent Behavior*, 11, 558-576.
- Ray, J. J. (1988). Lie scales and the elderly. *Personality and Individual Differences*, 9, 417-418.
- Ribas, R. C. Jr., Moura, M. L. S., & Hutz, C. S. (2004). Adaptação brasileira da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne. *Avaliação Psicológica*, 3, 83-92.
- Sanmartín, J., Gutiérrez, R., Martínez, J., & Vera, J. L. (2010). *Reflexiones sobre la violencia*. México: Siglo XXI, Centro Reina Sofia.
- Scagliusi, F. B., Cordás, T. A., Polacow, V. O., Coelho, D., Alvarenga, M., Philippi, S. T., & Lancha, A. H. Jr, (2004). Tradução da escala de desejo de aceitação social de Marlowe e Crowne para a língua portuguesa. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 31(6), 272-278.
- Scarpa, A., & Haden, S. C. (2006). Community violence victimization and aggressive behavior. The moderating effects of coping and social support. *Aggressive Behavior*, 32, 502-515.
- Serra, N. B. (2013). *El fenómeno de la violencia filio-parental: Un proyecto de prevención*. (Tese de Mestrado, Universidad Complutense de Madrid, Espanha). Retirado de [http://www.ucm.es/data/cont/docs/506-2014-05-17-tfm\\_ginalnebot\\_seguridad.pdf](http://www.ucm.es/data/cont/docs/506-2014-05-17-tfm_ginalnebot_seguridad.pdf)
- Silvestre, M. J. A. (2011). *Marlowe-Crowne Social Desirability Scale (MCSDS): Estudo de validação numa amostra de adolescentes delinquentes institucionalizados em Centros Educativos* (Tese de mestrado). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Coimbra, Portugal.
- Soubelet, A., & Salthouse, T. A. (2011). Influence of social desirability on age differences in self-reports of mood and personality. *Journal of Personality*, 79(4), 741-762. doi: 10.1111/j.1467-6994.2011.00700.x
- Spink, M. J. P. (1993). O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Caderno Saúde Pública, Rio Janeiro*, 9(3), 300-308.

- Stewart, M., Burns, A. & Leonard, R. (2007). Dark Side of the Mothering Role: Abuse of Mothers by Adolescent and Adult Children. *Sex Roles*, 56, 183–191.
- Stöber, J. (2001). The Social Desirability Scale-17 (SDS-17): Convergent validity, discriminant validity, and relationship with age. *European Journal of Psychological Assessment*, 17(3), 222-232.
- Ulman, A., & Straus, M. (2003). Violence by children against mothers in relation to violence between parents and corporal punishment by parents. *Journal of Comparative Family Studies*, 34, 41-60.
- Vala, J., Monteiro, Maria Benedita (Eds.). (2013). *Psicologia social (9ª edição revista e atualizada)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wallerstein, J. S. (1991). The long-term effects of divorce on children: A review. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 30(3), 349-360.
- Walsh, J. A., & Krienert, J. L. (2007). Child-parent violence: An empirical analysis of offender, victim, and event characteristics in a national sample of reported incidents. *Journal of Family Violence*, 22, 563-574.
- World Health Organization. (2002). *World report on violence and health: summary*. Retirado de [http://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/violence/world\\_report/en/summary\\_en.pdf](http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_en.pdf)

## Anexo A – Características Psicométricas da História 1 (QRVFP-HIS)

**Tabela 1. Estatística Descritiva dos Itens - Adolescentes**

<i>Itens</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
1	2,06	,816
2	2,06	,693
3	1,68	,751
4	2,54	,762
5	2,99	,737
6	1,49	,641
7	1,72	,750
8	1,52	,709
9	2,28	,815
10	1,48	,619

**Tabela 2. Consistência Interna (Análise dos Itens) - Adolescentes**

<i>Itens</i>	<i>M<sub>a</sub></i>	$\sigma^2$ a	<i>r<sub>b</sub></i>	$\alpha$ a
1	17,74	13,093	,288	,722
2	17,74	13,252	,342	,711
3	18,12	12,004	,555	,676
4	17,26	13,030	,336	,713
5	16,82	14,363	,099	,748
6	18,32	12,668	,522	,686
7	18,09	12,052	,546	,677
8	18,28	12,986	,385	,704
9	17,53	11,668	,561	,673
10	18,32	13,902	,254	,723

*Nota.*a=se item eliminado; b= correlação item/ total; (assinalados a negrito itens com < correlação)

**Tabela 3. Estatística Descritiva dos Itens - Adultos**

<i>Itens</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
1	1,66	,753
2	1,56	,585
3	1,39	,535
4	2,25	,736

5	2,77	,792
6	1,25	,486
7	1,28	,476
8	1,36	,629
9	1,74	,674
10	1,40	,732

**Tabela 4. Consistência Interna (Análise dos Itens) - Adultos**

<i>Itens</i>	<i>M a</i>	$\sigma^2$ a	<i>rb</i>	$\alpha$ a
1	15,00	8,376	,410	,635
2	15,10	8,914	,423	,636
3	15,27	8,915	,478	,630
4	14,41	8,255	,457	,625
5	13,89	9,518	,120	,701
6	15,41	9,090	,479	,633
7	15,38	9,390	,382	,647
8	15,30	9,448	,230	,670
9	14,92	8,541	,441	,630
10	15,26	9,616	,128	,695

*Nota.*a=se item eliminado; b= correlação item/ total; (assinalados a negrito itens com < correlação)

## Anexo B – Características Psicométricas da História 2 (QRVFP-HIS)

**Tabela 1. Estatística Descritiva dos Itens - Adolescentes**

<i>Itens</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
1	2,13	,674
2	2,20	,800
3	2,24	,772
4	1,54	,699
5	2,95	,537
6	2,31	,739
7	1,51	,609
8	1,56	,678
9	1,86	,758
10	2,05	,770

**Tabela 2. Consistência Interna (Análise dos Itens) - Adolescentes**

<i>Itens</i>	<i>M a</i>	$\sigma^2 a$	<i>r<sub>b</sub></i>	$\alpha a$
1	18,22	9,641	,484	,593
2	18,14	10,120	,267	,639
3	18,10	9,388	,452	,596
4	18,80	9,895	,395	,611
5	17,39	12,108	-,074	,686
6	18,03	9,939	,351	,619
7	18,84	11,211	,132	,659
8	18,78	9,655	,476	,594
9	18,49	9,682	,395	,609
10	18,29	10,339	,240	,644

*Nota.*a=se item eliminado; b= correlação item/ total; (assinalados a negrito itens com < correlação)

**Tabela 3. Estatística Descritiva dos Itens - Adultos**

<i>Itens</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
1	1,76	,616
2	1,72	,695
3	1,90	,696
4	1,47	,643

Comparação das representações sociais sobre a Violência Filioparental entre uma amostra de adultos e uma amostra de adolescentes  
Eduarda Manuela Martins Lopes (e-mail:eduarda\_lopes28@hotmail.com) 2015

5	2,02	,762
6	1,35	,546
7	1,46	,605
8	1,68	,671
9	1,76	,616
10	1,72	,695

**Tabela 4. Consistência Interna (Análise dos Itens) - Adultos**

<i>Itens</i>	<i>M a</i>	$\sigma^2 a$	<i>r<sub>b</sub></i>	$\alpha a$
1	11,61	6,077	,359	,576
2	11,65	5,891	,348	,578
3	11,47	5,809	,374	,570
4	11,90	6,152	,308	,590
5	11,35	5,774	,326	,586
6	12,02	6,511	,266	,601
7	11,91	6,061	,376	,572
8	11,69	6,472	,183	,625
9	11,61	6,077	,359	,576
10	11,65	5,891	,348	,578

*Nota.*a=se item eliminado; b= correlação item/ total; (assinalados a negrito itens com < correlação)

### Anexo C – Características Psicométricas da História 3 (QRVFP-HIS)

**Tabela 1. Estatística Descritiva dos Itens - Adolescentes**

<i>Itens</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
1	2,34	,738
2	2,43	,786
3	2,36	,704
4	2,38	,735
5	3,09	,650
6	3,09	,703
7	1,97	,690
8	1,99	,681
9	2,13	,832
10	1,86	,691

**Tabela 2. Consistência Interna (Análise dos Itens) - Adolescentes**

<i>Itens</i>	<i>M<sub>a</sub></i>	$\sigma^2$ <i>a</i>	<i>r<sub>b</sub></i>	$\alpha$ <i>a</i>
1	21,28	12,257	,475	,695
2	21,20	12,040	,477	,694
3	21,27	12,145	,533	,687
4	21,25	12,202	,489	,693
5	20,54	14,952	-,024	,764
6	20,53	14,118	,122	,748
7	21,65	12,745	,413	,706
8	21,64	12,352	,510	,691
9	21,50	11,311	,581	,674
10	21,76	13,149	,325	,719

Nota. a=se item eliminado; b= correlação item/ total; (assinalados a negrito itens com < correlação)

**Tabela 3. Estatística Descritiva dos Itens - Adultos**

<i>Itens</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
1	2,12	,754
2	1,98	,790
3	1,72	,640
4	1,93	,693

Comparação das representações sociais sobre a Violência Filioparental entre uma amostra de adultos e uma amostra de adolescentes  
Eduarda Manuela Martins Lopes (e-mail:eduarda\_lopes28@hotmail.com) 2015

5	2,71	,872
6	2,87	,721
7	1,53	,605
8	1,73	,681
9	1,55	,701
10	1,70	,675

**Tabela 4. Consistência Interna (Análise dos Itens) - Adultos**

<i>Itens</i>	<i>M a</i>	$\sigma^2$ a	<i>r<sub>b</sub></i>	$\alpha$ a
1	17,72	12,340	,303	,708
2	17,87	11,433	,460	,681
3	18,12	11,563	,584	,665
4	17,91	11,362	,571	,664
5	17,13	12,751	,161	,739
6	16,98	13,294	,133	,734
7	18,31	12,585	,364	,698
8	18,11	11,420	,571	,664
9	18,29	12,047	,406	,691
10	18,15	12,452	,337	,702

*Nota.*a=se item eliminado; b= correlação item/ total; (assinalados a negrito itens com < correlação)

## Anexo D – Características Psicométricas dos Fatores Facilitadores (QVFP-FMR)

**Tabela 1. Estatística Descritiva dos Itens/ Fatores - Adultos**

Itens	<i>M</i>	DP
1	3.31	.594
2	3.16	.626
3	2.92	.647
4	3.10	.696
5	2.89	.677
6	2.77	.732
7	3.05	.753
8	3.21	.622
9	2.48	.759
10	1.89	.796
11	3.13	.747
12	2.75	.725
13	3.18	.674
14	2.80	.696
15	3.24	.681
16	3.00	.739
17	2.94	.688
18	3.03	.694
19	3.06	.713

**Tabela 2. Consistência Interna (Análise dos Itens/ Fatores) - Adultos**

Itens	<i>M<sub>a</sub></i>	$\sigma^2_{a}$	<i>r<sub>b</sub></i>	$\alpha_a$
1	52.62	40.307	.342	.824
2	52.76	39.100	.479	.818
3	53.00	40.221	.317	.825
4	52.83	39.528	.369	.823
5	53.03	39.673	.365	.823
6	53.15	38.094	.511	.815
7	52.88	39.072	.383	.822
8	52.72	39.332	.452	.819
9	53.45	40.434	.231	.830
10	54.03	40.510	.207	.832
11	52.79	39.642	.324	.825
12	53.17	38.051	.522	.815
13	52.74	38.403	.525	.815
14	53.12	38.514	.491	.816
15	52.68	38.869	.460	.818
16	52.92	38.744	.430	.820

17	52.98	38.785	.465	.818
18	52.90	38.768	.462	.818
19	52.87	38.407	.490	.816

Nota. a=se item eliminado; b= correlação item/ total;

**Tabela 3. Estatística Descritiva dos Itens/ Fatores - Adolescentes**

Itens	M	DP
1	3.05	.626
2	3.00	.680
3	3.12	2.561
4	3.04	.605
5	2.66	.705
6	2.78	.668
7	2.90	.636
8	3.28	.688
9	2.76	.753
10	1.98	.804
11	2.92	.837
12	2.74	.757
13	3.00	.700
14	2.72	.736
15	3.10	.806
16	2.99	.747
17	2.82	.618
18	2.68	.818
19	2.95	.683

**Tabela 4. Consistência Interna (Análise dos Itens/ Fatores) - Adolescentes**

Itens	$M_a$	$\sigma^2 a$	$r_b$	$\alpha a$
1	51.43	41.771	.265	.667
2	51.49	41.462	.272	.666
3	51.36	33.744	.135	.767
4	51.45	41.500	.313	.664
5	51.82	40.867	.326	.661
6	51.71	41.745	.245	.668
7	51.59	41.019	.354	.660
8	51.21	41.133	.306	.663
9	51.73	41.668	.213	.671
10	52.51	40.401	.319	.661
11	51.57	41.336	.211	.671
12	51.74	40.845	.298	.663
13	51.49	40.673	.352	.659
14	51.76	40.658	.331	.660

15	51.39	39.939	.365	.656
16	51.50	40.184	.377	.656
17	51.67	40.386	.451	.653
18	51.81	39.597	.392	.653
19	51.53	40.114	.430	.653

---

*Nota.* a=se item eliminado; b= correlação item/ total;

### Anexo E – Características Psicométricas dos Fatores de Manutenção (QVFP-FMR)

**Tabela 1. Estatística Descritiva dos Itens/ Fatores - Adultos**

Itens	<i>M</i>	DP
1	3.52	.566
2	3.46	.575
3	3.24	.588
4	2.87	.760
5	3.36	.598
6	3.36	.570
7	3.28	.614
8	3.04	.748
9	3.13	.680
10	2.99	.717
11	2.84	.758
12	3.03	.671
13	3.40	2.350
14	2.82	.783
15	3.03	.712
16	2.84	.788
17	2.59	.805
18	2.78	.759
19	3.27	.560

**Tabela 2. Consistência Interna (Análise dos Itens/ Fatores) - Adultos**

Itens	<i>Ma</i>	$\sigma^2$ a	<i>r<sub>b</sub></i>	$\alpha$ a
1	55.34	64.757	.451	.835
2	55.40	63.953	.533	.833
3	55.62	64.017	.512	.833
4	55.99	62.225	.532	.830
5	55.51	63.754	.531	.832
6	55.50	63.801	.556	.832
7	55.58	36.181	.576	.831
8	55.82	62.725	.498	.832
9	55.73	61.898	.638	.827
10	55.87	67.029	.682	.825
11	56.02	61.630	.586	.828
12	55.83	61.889	.649	.827
13	55.47	58.424	.146	.905
14	56.05	61.327	.590	.828
15	55.83	62.363	.561	.830
16	56.02	62.774	.463	.833

17	56.27	64.476	.314	.840
18	56.08	61.716	.578	.829
19	55.59	64.174	.523	.833

Nota. a=se item eliminado; b= correlação item/ total;

**Tabela 3. Estatística Descritiva dos Itens/ Fatores - Adolescentes**

Itens	M	DP
1	3.35	.569
2	3.28	.646
3	3.13	.629
4	2.66	.794
5	3.28	.646
6	3.11	.638
7	3.13	.611
8	2.81	.786
9	3.05	.681
10	2.74	.701
11	2.64	.782
12	2.85	.695
13	3.05	.655
14	2.80	.735
15	2.88	.770
16	2.83	.748
17	2.73	.732
18	2.42	.709
19	3.07	.644

**Tabela 4. Consistência Interna (Análise dos Itens/ Fatores) - Adolescentes**

Itens	Ma	$\sigma^2$ a	rb	$\alpha$ a
1	52.44	41.884	.321	.834
2	52.52	40.197	.483	.827
3	52.66	40.333	.481	.828
4	53.13	40.463	.344	.834
5	52.52	40.562	.437	.829
6	52.68	40.217	.488	.827
7	52.66	40.335	.497	.827
8	52.99	39.784	.421	.830
9	52.74	39.610	.524	.825
10	53.05	40.659	.382	.832

Comparação das representações sociais sobre a Violência Filioparental entre uma amostra de adultos e uma amostra de adolescentes  
Eduarda Manuela Martins Lopes (e-mail:eduarda\_lopes28@hotmail.com) 2015

11	53.15	39.023	.506	.826
12	52.95	39.903	.477	.827
13	52.74	41.154	.355	.833
14	52.99	39.574	.482	.827
15	52.91	41.040	.298	.837
16	52.96	39.296	.503	.826
17	53.06	40.922	.333	.834
18	53.37	41.221	.313	.835
19	52.72	40.741	.416	.830

*Nota.* a=se item eliminado; b= correlação item/ total;

## Anexo F – Características Psicométricas dos Fatores de Resolução (QVFP-FMR)

**Tabela 1. Estatística Descritiva dos Itens/ Fatores - Adultos**

Itens	<i>M</i>	DP
1	3.44	.566
2	3.49	.547
3	3.58	.507
4	3.07	.704
5	3.51	.558
6	3.59	.528
7	3.50	.558
8	3.40	.591
9	3.28	.658
10	2.90	.738
11	3.47	.579
12	3.37	.543
13	2.92	.802
14	3.17	.627
15	3.14	.705
16	3.39	.536
17	3.41	.552
18	3.43	.520
19	3.53	.546

**Tabela 2. Consistência Interna (Análise dos Itens/ Fatores) - Adultos**

Itens	<i>M<sub>a</sub></i>	$\sigma^2$ a	<i>r<sub>b</sub></i>	$\alpha$ a
1	60.15	48.080	.642	.913
2	60.10	48.147	.657	.913
3	60.01	48.741	.627	.914
4	60.52	48.588	.443	.919
5	60.08	48.132	.645	.913
6	59.99	48.090	.692	.912
7	60.09	47.528	.727	.911
8	60.19	47.614	.672	.913
9	60.31	47.936	.557	.915
10	60.68	49.724	.304	.923
11	60.12	48.636	.553	.915
12	60.22	48.315	.639	.914

13	60.67	48.511	.383	.922
14	60.42	47.896	.593	.914
15	60.44	48.092	.496	.917
16	60.20	47.810	.720	.912
17	60.17	47.530	.737	.911
18	60.16	47.638	.769	.911
19	60.05	48.340	.631	.914

Nota. a=se item eliminado; b= correlação item/ total;

**Tabela 3. Estatística Descritiva dos Itens/ Fatores - Adolescentes**

Itens	M	DP
1	3.26	.585
2	3.29	.609
3	3.30	.602
4	3.01	.675
5	3.33	.621
6	3.39	.644
7	3.16	.625
8	3.16	.660
9	3.04	.659
10	2.75	.746
11	3.32	.630
12	3.06	.597
13	3.18	.667
14	3.03	.617
15	3.18	.719
16	3.21	.598
17	3.20	.547
18	3.16	.496
19	3.23	.720

**Tabela 4. Consistência Interna (Análise dos Itens/ Fatores) - Adolescentes**

Itens	$M_a$	$\sigma^2_a$	$r_b$	$\alpha_a$
1	57.00	52.844	.629	.912
2	56.97	52.876	.597	.913
3	56.95	52.821	.611	.912
4	57.25	52.991	.517	.915
5	56.93	52.260	.655	.911

Comparação das representações sociais sobre a Violência Filioparental entre uma amostra de adultos e uma amostra de adolescentes  
Eduarda Manuela Martins Lopes (e-mail:eduarda\_lopes28@hotmail.com) 2015

6	56.87	52.099	.647	.911
7	57.10	51.956	.687	.911
8	57.09	52.073	.632	.912
9	57.22	53.409	.487	.915
10	57.51	53.857	.376	.919
11	56.93	52.662	.598	.913
12	57.20	53.002	.595	.913
13	57.08	52.388	.590	.913
14	57.23	53.049	.568	.913
15	57.07	52.926	.486	.916
16	57.05	53.079	.585	.913
17	57.05	52.963	.662	.912
18	57.09	54.032	.584	.913
19	57.03	51.428	.638	.912

Nota. a=se item eliminado; b= correlação item/ total;

## Anexo G – Resultados da ANOVA para a influência das variáveis grupo e género (História 1)

**Tabela 1. Resultados da Anova para a História 1**

	ANOVA		
	F	<i>p</i>	$\eta_p^2$
Total Desejabilidade	5.127	.024	.017
Grupo	36.736	.000	.108
Género	18.673	.000	.058
Grupo x Género	.410	.522	.001

**Tabela 2. Resultado Total da História 1 por Variável Grupo**

<i>Grupo</i>	<i>M (SE)</i>	95% IC	
		<i>LI</i>	<i>LS</i>
Adultos	17.164 <sup>a</sup> (.645)	16.513	17.816
Adolescentes	19.846 <sup>a</sup> (.895)	19.272	20.420

*Nota.* a=valores calculados tendo em conta o total da desejabilidade social de 18.00

**Tabela 3. Resultado Total da História 1 por Variável Género**

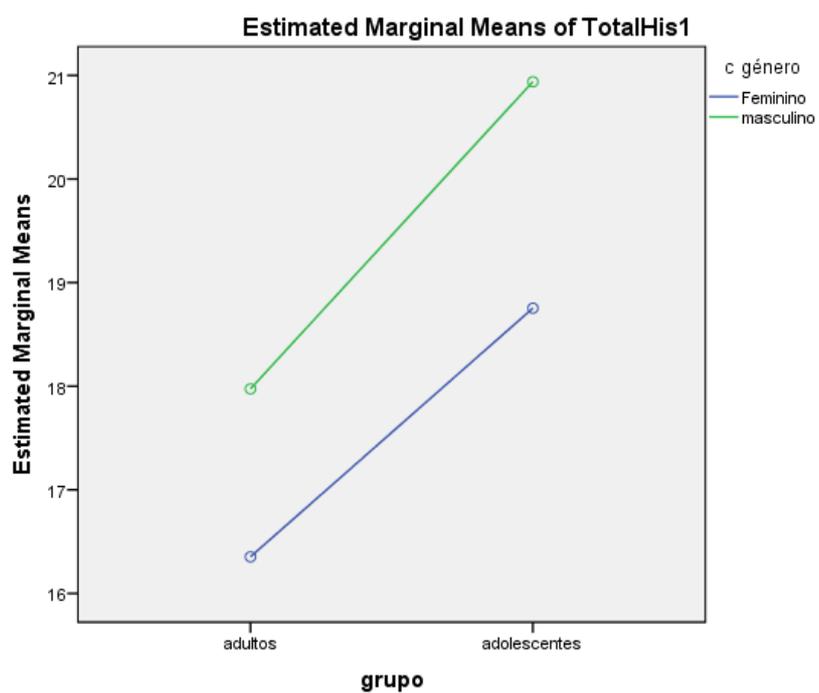
<i>Género</i>	<i>M (SE)</i>	95% IC	
		<i>LI</i>	<i>LS</i>
Feminino	17.553 <sup>a</sup> (.259)	17.044	18.063
Masculino	19.457 <sup>a</sup> (.356)	18.756	20.157

*Nota.* a=valores calculados tendo em conta o total da desejabilidade social de 18.00

**Tabela 4. Resultado Total da História 1 por Variável Grupo x Género**

<i>Grupo</i>	<i>Género</i>	<i>M (SE)</i>	95% IC	
			<i>LI</i>	<i>LS</i>
Adultos	Feminino	16.354 <sup>a</sup> (.310)	15.743	16.964
	Masculino	17.975 <sup>a</sup> (.584)	16.824	19.125
Adolescentes	Feminino	18.753 <sup>a</sup> (.415)	17.937	19.570
	Masculino	20.939 <sup>a</sup> (.409)	20.133	21.745

*Nota.* a=valores calculados tendo em conta o total da desejabilidade social de 18.00



Covariates appearing in the model are evaluated at the following values: Totaldesejabilidade = 18,00

## Anexo H – Resultados da ANOVA para a influência das variáveis grupo e género (História 2)

**Tabela 1. Resultados da Anova para a História 2**

	ANOVA		
	F	p	$\eta_p^2$
Total Desejabilidade	1.733	.189	.006
Grupo	36.432	.000	.108
Género	7.334	.007	.024
Grupo x Género	.981	.323	.003

**Tabela 2. Resultado Total da História 2 por Variável Grupo**

Grupo	M (SE)	95% IC	
		LI	LS
Adultos	13.574 <sup>a</sup> (.287)	13.009	14.139
Adolescentes	15.888 <sup>a</sup> (.253)	15.390	16.386

Nota. a=valores calculados tendo em conta o total da desejabilidade social de 18.05

**Tabela 3. Resultado Total da História 2 por Variável Género**

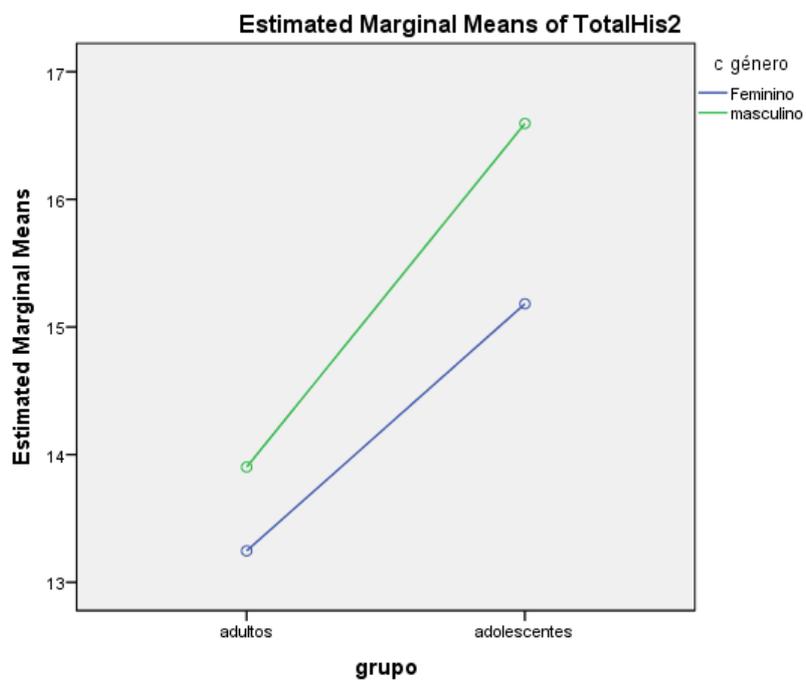
Género	M (SE)	95% IC	
		LI	LS
Feminino	14.214 <sup>a</sup> (.225)	13.771	14.656
Masculino	15.248 <sup>a</sup> (.309)	14.640	15.856

Nota. a=valores calculados tendo em conta o total da desejabilidade social de 18.05

**Tabela 4. Resultado Total da História 2 por Variável Grupo x Género**

Grupo	Género	M (SE)	95% IC	
			LI	LS
Adultos	Feminino	13.246 <sup>a</sup> (.269)	12.716	13.776
	Masculino	13.902 <sup>a</sup> (.506)	12.905	14.899
Adolescentes	Feminino	15.181 <sup>a</sup> (.360)	14.473	15.890
	Masculino	16.595 <sup>a</sup> (.355)	15.895	17.294

Nota. a=valores calculados tendo em conta o total da desejabilidade social de 18.05



Covariates appearing in the model are evaluated at the following values: Totaldesejabilidade = 18,05

### Anexo I – Resultados da ANOVA para a influência das variáveis grupo e género (História 3)

**Tabela 1. Resultados da Anova para a História 3**

	ANOVA		
	F	p	$\eta_p^2$
Total Desejabilidade	.641	.424	.002
Grupo	49.456	.000	.140
Género	7.680	.006	.025
Grupo x Género	.001	.979	.000

**Tabela 2. Resultado Total da História 3 por Variável Grupo**

Grupo	M (SE)	95% IC	
		LI	LS
Adultos	20.237 <sup>a</sup> (.361)	19.526	20.948
Adolescentes	23.649 <sup>a</sup> (.322)	23.015	24.283

Nota. a=valores calculados tendo em conta o total da desejabilidade social de 18.03

**Tabela 3. Resultado Total da História 3 por Variável Género**

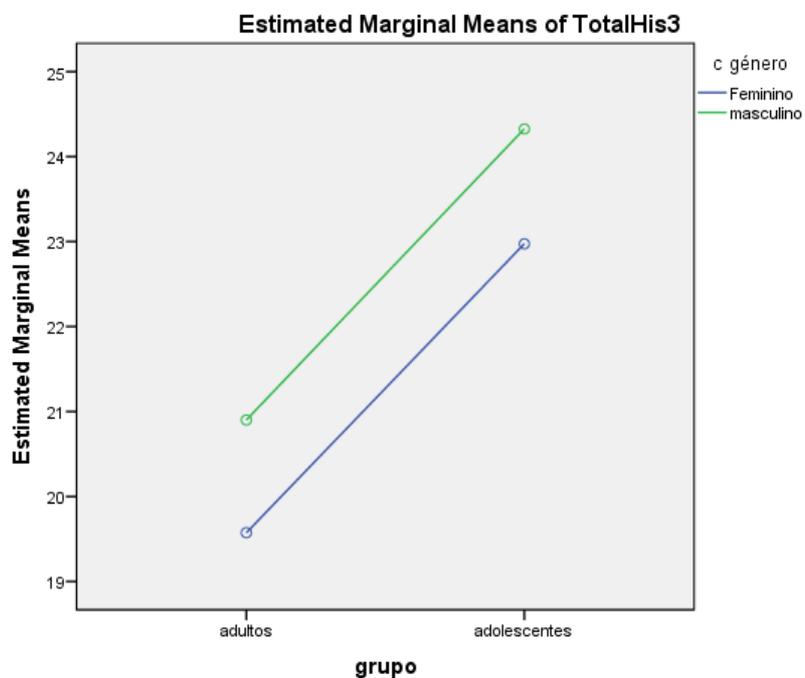
Género	M (SE)	95% IC	
		LI	LS
Feminino	21.273 <sup>a</sup> (.286)	20.711	21.836
Masculino	22.613 <sup>a</sup> (.390)	21.846	23.379

Nota. a=valores calculados tendo em conta o total da desejabilidade social de 18.03

**Tabela 4. Resultado Total da História 3 por Variável Grupo x Género**

Grupo	Género	M (SE)	95% IC	
			LI	LS
Adultos	Feminino	19.574 <sup>a</sup> (.343)	18.900	20.248
	Masculino	20.900 <sup>a</sup> (.636)	19.649	22.152
Adolescentes	Feminino	22.973 <sup>a</sup> (.458)	22.071	23.875
	Masculino	24.325 <sup>a</sup> (.452)	23.435	25.215

Nota. a=valores calculados tendo em conta o total da desejabilidade social de 18.03



Covariates appearing in the model are evaluated at the following values: Totaldesejabilidade = 18,03

**Anexo J – Resultados da ANOVA para a influência das variáveis grupo e género (Total das Histórias)**

**Tabela 1. Resultados da Anova para o Total das Histórias**

	ANOVA		
	F	p	$\eta_p^2$
Total Desejabilidade	2.945	.087	.010
Grupo	56.641	.000	.158
Género	15.489	.000	.049
Grupo x Género	.302	.583	.001

**Tabela 2. Resultado Total das Histórias por Variável Grupo**

Grupo	M (SE)	95% IC	
		LI	LS
Adultos	51.042 <sup>a</sup> (.833)	49.402	52.682
Adolescentes	59.383 <sup>a</sup> (.727)	57.953	60.813

Nota. a=valores calculados tendo em conta o total da desejabilidade social de 18.02

**Tabela 3. Resultado Total das Histórias por Variável Género**

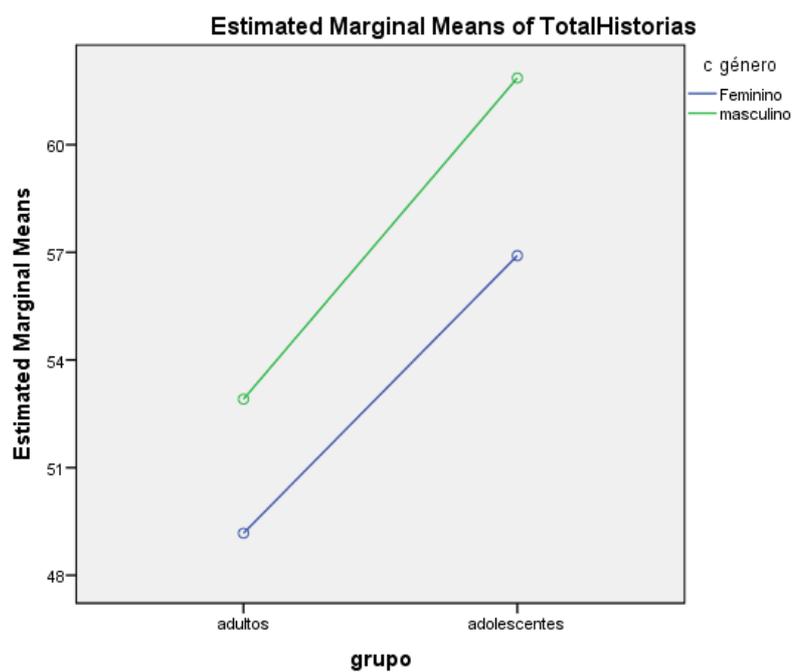
Género	M (SE)	95% IC	
		LI	LS
Feminino	53.041 <sup>a</sup> (.645)	51.772	54.310
Masculino	57.384 <sup>a</sup> (.895)	55.622	59.146

Nota. a=valores calculados tendo em conta o total da desejabilidade social de 18.02

**Tabela 4. Resultado Total das Histórias por Variável Grupo x Género**

Grupo	Género	M (SE)	95% IC	
			LI	LS
Adultos	Feminino	49.173 <sup>a</sup> (.773)	47.653	50.694
	Masculino	52.910 <sup>a</sup> (1.476)	50.006	55.814
Adolescentes	Feminino	56.908 <sup>a</sup> (1.034)	54.874	58.942
	Masculino	61.858 <sup>a</sup> (1.020)	59.851	63.866

Nota. a=valores calculados tendo em conta o total da desejabilidade social de 18.02



Covariates appearing in the model are evaluated at the following values: Totaldesejabilidade = 18,02

### Anexo K - Análise dos Fatores Facilitadores, de Manutenção e de Resolução (QVFP – FMR)

**Tabela 1. Resultados Mann - WhitneyTest**

	Grupo	N	MeanRank	Mann-Whitney	Sig.
QVFPFMR (1) 1	Adultos	173	178.01	10377.500	.000
	Adolescentes	151	144.73		
QVFPFMR (1) 2	Adultos	174	173.20	11537.000	.022
	Adolescentes	152	152.40		
QVFPFMR (1) 3	Adultos	174	163.86	13161.000	.933
	Adolescentes	152	163.09		
QVFPFMR (1) 4	Adultos	174	167.42	12193.500	.240
	Adolescentes	150	156.79		
QVFPFMR (1) 5	Adultos	173	175.04	11065.500	.006
	Adolescentes	152	149.30		
QVFPFMR (1) 6	Adultos	174	163.41	13207.500	.983
	Adolescentes	152	163.61		
QVFPFMR (1) 7	Adultos	174	173.53	11479.000	.023
	Adolescentes	152	152.02		
QVFPFMR (1) 8	Adultos	174	158.40	12337.000	.234
	Adolescentes	152	169.34		
QVFPFMR (1) 9	Adultos	174	147.74	10482.000	.001
	Adolescentes	151	180.58		
QVFPFMR (1) 10	Adultos	174	158.90	12423.000	.306
	Adolescentes	152	168.77		
QVFPFMR (1) 11	Adultos	174	174.80	11258.000	.010
	Adolescentes	152	150.57		
QVFPFMR (1) 12	Adultos	174	163.00	13137.500	.910
	Adolescentes	152	164.07		
QVFPFMR (1) 13	Adultos	174	173.90	11415.000	.016
	Adolescentes	152	151.60		
QVFPFMR (1) 14	Adultos	174	166.33	12557.000	.447
	Adolescentes	151	159.16		
QVFPFMR (1) 15	Adultos	174	169.81	12126.000	.151
	Adolescentes	152	156.28		
QVFPFMR (1) 16	Adultos	174	164.25	13093.500	.864
	Adolescentes	152	162.64		
QVFPFMR (1) 17	Adultos	174	172.13	11723.000	.042
	Adolescentes	152	153.63		
QVFPFMR (1) 18	Adultos	174	180.38	10113.000	.000
	Adolescentes	151	142.97		

Comparação das representações sociais sobre a Violência Filioparental entre uma amostra de adultos e uma amostra de adolescentes  
Eduarda Manuela Martins Lopes (e-mail:eduarda\_lopes28@hotmail.com) 2015

QVFPFMR (1)	Adultos	174	168.77	12133.000	.000
19	Adolescentes	151	156.35		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	176.14	11024.000	.003
1	Adolescentes	152	149.09		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	174.48	11314.000	.011
2	Adolescentes	152	150.93		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	170.48	12010.000	.098
3	Adolescentes	152	155.51		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	173.25	11354.000	.023
4	Adolescentes	151	151.19		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	167.92	12454.500	.308
5	Adolescentes	152	158.44		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	178.95	10536.000	.000
6	Adolescentes	152	145.82		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	172.45	11667.500	.034
7	Adolescentes	152	153.26		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	175.75	11093.000	.006
8	Adolescentes	152	149.48		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	168.22	12402.500	.278
9	Adolescentes	152	158.10		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	177.14	10850.000	.002
10	Adolescentes	152	158.10		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	173.15	11371.500	.024
11	Adolescentes	151	151.31		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	173.01	11396.000	.020
12	Adolescentes	151	151.47		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	175.32	11167.500	.006
13	Adolescentes	152	149.97		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	163.40	13207.000	.983
14	Adolescentes	152	163.61		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	171.11	11900.000	.083
15	Adolescentes	152	154.79		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	164.01	13136.000	.911
16	Adolescentes	152	162.92		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	155.87	11896.500	.089
17	Adolescentes	152	172.23		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	180.82	10209.500	.000
18	Adolescentes	152	143.67		
QVFPFMR (2)	Adultos	174	175.15	11196.500	.005
19	Adolescentes	152	150.16		
QVFPFMR (3)	Adultos	174	175.99	11050.000	.004
1	Adolescentes	152	149.20		
QVFPFMR (3)	Adultos	174	175.72	11097.000	.004
2	Adolescentes	152	149.51		

QVFPFMR (3)	Adultos	174	179.36	9941.500	.000
3	Adolescentes	152	141.72		
QVFPFMR (3)	Adultos	174	167.61	12509.000	.351
4	Adolescentes	152	158.80		
QVFPFMR (3)	Adultos	174	174.89	11242.500	.008
5	Adolescentes	152	150.46		
QVFPFMR (3)	Adultos	174	175.16	11194.500	.006
6	Adolescentes	152	150.15		
QVFPFMR (3)	Adultos	173	183.27	9294.500	.000
7	Adolescentes	150	137.46		
QVFPFMR (3)	Adultos	173	175.51	10811.000	.003
8	Adolescentes	151	147.60		
QVFPFMR (3)	Adultos	174	177.51	10613.000	.001
9	Adolescentes	151	146.28		
QVFPFMR (3)	Adultos	173	172.35	11530.500	.038
10	Adolescentes	152	152.36		
QVFPFMR (3)	Adultos	174	172.11	11725.500	.047
11	Adolescentes	152	153.64		
QVFPFMR (3)	Adultos	173	182.60	9756.500	.000
12	Adolescentes	152	140.69		
QVFPFMR (3)	Adultos	172	149.26	10795.500	.003
13	Adolescentes	152	177.48		
QVFPFMR (3)	Adultos	174	171.42	11672.000	.043
14	Adolescentes	151	153.30		
QVFPFMR (3)	Adultos	173	161.05	12810.000	.657
15	Adolescentes	152	165.22		
QVFPFMR (3)	Adultos	174	174.73	11270.000	.008
16	Adolescentes	152	150.64		
QVFPFMR (3)	Adultos	174	177.00	10701.500	.001
17	Adolescentes	151	146.87		
QVFPFMR (3)	Adultos	174	181.64	10068.500	.000
18	Adolescentes	152	142.74		
QVFPFMR (3)	Adultos	173	179.45	10128.500	.000
19	Adolescentes	151	143.08		

Nota.(1)= fatores facilitadores, (2)= fatores de manutenção e (3)= fatores de resolução